

- A Vida Religiosa e os novos espaços
- Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição Latino-Americana
- A teoria do amadurecimento pessoal, a adolescência e a Vida Religiosa
- Paixão por Cristo, paixão pela humanidade – Discernindo o presente na busca de um futuro para a Vida Religiosa



<b>EDITORIAL</b> .....	<b>1</b>
<b>PALAVRA DO PAPA</b> .....	<b>5</b>
<b>INFORME CRB</b> .....	<b>13</b>
<b>ARTIGOS</b> .....	<b>15</b>
<b>A Vida Religiosa e os novos espaços</b> .....	<b>15</b>
JOSE COMBLIN	
<b>Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição Latino-Americana</b> .....	<b>23</b>
Pe. ROBERTO OLIVEROS, SJ	
<b>A teoria do amadurecimento pessoal, a adolescência e a Vida Religiosa</b> .....	<b>37</b>
PATRÍCIA FERREIRA DEL-FRARO E JOSÉ DEL-FRARO FILHO	
<b>Paixão por cristo, paixão pela humanidade – Discernindo o presente na busca de um futuro para a Vida Religiosa</b> .....	<b>47</b>
ELOISA MARIA BRACERAS GAGO, OP	

*A ilustração da capa da Convergência de 2007, do artista Anderson S. Pereira, MSC, foi inspirado no livro de Rute, no qual a mulher é protagonista do resgate da vida. A realidade de dor e esperança transpassa o corpo da mulher, símbolo da VRC inserida que vive o mistério de Deus encarnado.*



**CONVERGÊNCIA**

**Revista Mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB**

**ISSN 0010-8162**

**DIRETORA RESPONSÁVEL**

Ir. Maris Bolzan, SDS

**REDATOR RESPONSÁVEL**

Pe. Marcos de Lima, SDB

(Reg. 12679/78)

**EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO**

**Coordenadora**

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Conselho Editorial**

Ir. Aíla Luiza Pinheiro de Andrade, NJ

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar

20038-900 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2240-7299

Fax (21) 2240-4486

E-mail: [crb@crbnacional.org.br](mailto:crb@crbnacional.org.br)

[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Registro na Divisão de Censura e

Diversões Públicas do PDF

sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

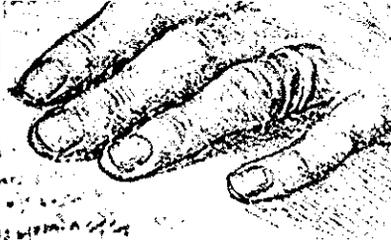
**Assinatura  
Anual  
para 2007**

Brasil: R\$ 80,00

Exterior: US\$ 80,00 ou o correspondente em R\$ (Reais)

Números avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,00

# Editorial



## Novos espaços e novas propostas

Dois eventos eclesiais de grande porte e que interessam de perto à Vida Religiosa acontecem ao longo de 2007: – A quinta Conferência Geral do Episcopado latino-americano, a realizar-se no mês de maio, em Aparecida do Norte, e a XXI Assembleia Geral Ordinária da CRB, que terá lugar em São Paulo, de 16 a 20 de julho. Um traço comum une os dois acontecimentos. Ambos visam a ser espaço de comunhão e participação, de testemunho público e profético de esperança no conturbado contexto sócio-eclesial de hoje, de busca conjunta de alternativas para os graves problemas que afligem nossos povos, de anúncio, celebração e proposição.

Existe também um relação estreita entre os temas propostos para cada um desses eventos. Efetivamente, ser discípulo e missionário de Jesus hoje (tema da Conferência de Aparecida) supõe saber discernir e identificar os espaços em transformação no mundo atual (tema da XXI AGO) para ser aí presença profética e anúncio convincente do Deus da Vida. É a partir da sua condição de seguidor de Jesus, que o religioso se compromete na transformação do mundo. É a partir da sua paixão pelo Deus da Vida, que se faz presença atuante em todos os espaços onde é

preciso lançar e cultivar a boa nova do Reino. É assim que busca contribuir para que os processos de transformação em curso sejam humanizadores, indutores de justiça e solidariedade, de paz e de respeito à dignidade de todos.

Por toda a parte cresce hoje a consciência de que humanidade atravessa uma crise histórica sem precedentes, marcada por ingentes transformações em todos os níveis da vida e da convivência humana. A responsabilidade que incumbe à sociedade civil organizada é indeclinável. Os movimentos sociais, os sindicatos, as ONGs, os partidos políticos devem ser canais de excelência, através dos quais a democracia possa fluir e se consolidar como terreno propício para construir uma paz duradoura, estável. Nesta perspectiva, são tarefas prioritárias da sociedade civil neste momento o fortalecimento dos princípios da autêntica liberdade cidadã; a luta contra desigualdades e discriminações de qualquer viés; a identificação e a erradicação das causas mais profundas da violência e do terrorismo. A perplexidade e a tensão que se experimentam hoje a nível mundial podem se transformar numa grande oportunidade para uma volta aos valores humanísticos e aos ideais evangélicos

em todos os níveis da convivência humana. Só quando a diversidade é efetivamente reconhecida e respeitada, só quando os diferentes povos e culturas têm acesso ao conhecimento e aos bens produzidos para o benefício da humanidade, só quando a paz é prioridade indeclinável nas relações entre povos, grupos sociais e pessoas, estão lançadas bases sólidas para um novo mundo possível e, conseqüentemente, para uma cultura de solidariedade.

Como cidadãos e cidadãs responsáveis, cristãos e cristãs, religiosos e religiosas não podemos furtar-nos às graves urgências do momento histórico. Não há dúvida de que as atuais circunstâncias nos estão levando a nos confrontar com nossas fragilidades pessoais ou institucionais, e com nossa dificuldade para situar-nos de maneira transformadora no mundo em transformação. A lógica economicista e excludente que prevalece na sociedade é rude e avassaladora, desumana e perpetuadora do status quo. Não é fácil para a Igreja e para a Vida Religiosa assumirem uma atitude contracultural e profética nesse contexto. Não basta proferir discursos carregados de indignação ética. Temos que refletir lucidamente sobre nossas próprias práticas e nossa maneira de situar-nos na sociedade. Temos que rever estruturas e obras e redesenhar o mapa dos nossos compromissos evangelizadores. Todos somos mocinhos e vilões. Todos corremos o risco da convivência e da omissão. A grande pergunta, à qual ninguém pode fugir, é: como conseguir que o melhor de nossos sentimentos e racionalidades seja de fato o vetor que oriente nossas ações e relações?

Em sua mensagem para o dia internacional da Paz de 2007, O Papa Bento XVI

coloca a pessoa humana como o coração da paz e lança ao mundo uma vigorosa interpelação: "Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente as inúmeras injustas desigualdades ainda tragicamente presentes no mundo. Dentre elas são, por um lado, particularmente insidiosas as desigualdades no acesso a bens essenciais, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais. Constitui um elemento de primária importância para a construção da paz o reconhecimento da igualdade essencial entre as pessoas humanas, que brota da sua transcendente dignidade comum. A igualdade a este nível é, pois, um bem de todos inscrito naquela "gramática" natural que se deduz do projeto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz. As gravíssimas carências de que sofrem muitas populações, especialmente no Continente africano, estão na origem de violentas reivindicações e constituem assim um tremendo golpe infligido à paz".

A Conferência dos Bispos latino-americanos e a Assembléia da CRB deverão levar em conta esses ingentes desafios da hora presente nas suas deliberações, sob pena de frustrarem as esperanças de milhões de irmãos e irmãs do continente e do mundo, além de desconhecem as exigências da sua vocação a ser discípulos e missionários num mundo em transformação.

A publicação, neste número de CONVERGÊNCIA, de textos relacionados com esses dois eventos, visa a motivar as

comunidades religiosas a se interessarem mais de perto por eles e a se comprometerem com os novos passos da caminhada, os novos rumos e horizontes que, certamente, esses eventos suscitarão na Igreja e na Vida Religiosa, pela ação do Espírito.

José Comblin, no seu artigo - "A Vida Religiosa e os novos espaços" - oferece às comunidades um interessante subsídio para ajudá-las a aprofundar a temática da próxima Assembléia Geral da CRB - "*Espaços em transformação e Vida Religiosa*" -. O texto contempla três grandes espaços onde a Vida Religiosa está chamada a ser hoje sinal e fermento de transformação: - o mundo dos excluídos, a nova religião, a vida pública a nível mundial. Para o autor, o mundo dos excluídos está destinado a crescer indefinidamente porque a dinâmica da economia atual exclui cada vez mais. A exclusão não é fenômeno passageiro a ser resolvido com paliativos e pequenas reformas. É um espaço que interpela fortemente o compromisso da Igreja e da Vida Religiosa, colocando em evidência a falta de resposta e de ação transformadora por parte das instituições religiosas. Mas, afirma o autor, "apesar de todas as dificuldades, existem religiosos e sobretudo religiosas que procuram reinventar a Vida religiosa dentro do mundo dos excluídos. Trata-se de uma experiência heróica mas fundamental". Para ocupar significativamente o espaço da nova religião, observa o texto, a Vida Religiosa precisa ultrapassar o espaço fechado da autodefesa de tradições particulares e da preocupação com a mera continuidade de formas e costumes e entrar decididamente no espaço religioso do mundo atual, participando da procura religiosa da hu-

manidade. A vida pública a nível mundial é outro espaço desafiador. Segundo o autor, "existe uma intensa atividade de contestação e de luta contra o sistema dominante. Há no mundo milhares de associações e movimentos que de alguma maneira lutam contra um aspecto do sistema em vista de uma mudança radical" Qual é a presença de religiosos e religiosas nesse espaço? O autor opina que essa presença ainda é insuficiente e vulnerável a contradições expressões. O texto conclui com a pro-vocadora afirmação de que esses são alguns dos "espaços abertos abertos para os religiosos de amanhã. É muito difícil que religiosos e religiosas de hoje mudem de espaço".

O artigo de Roberto Oliveros, sj, - "Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição latino-americana" - situa-se no amplo horizonte da preparação desse importante evento eclesial que terá lugar em maio próximo. O texto tem um caráter histórico-narrativo e, ao mesmo tempo, prospectivo. A intenção do autor é revisitar as quatro conferências anteriores para destacar as contribuições mais significativas que trouxeram para a vida eclesial do continente. Nessa perspectiva, o texto faz referências valorativas a cada uma delas, enfatizando a especificidade de cada conferência, dentro do contexto sócio-eclesial da época em que ocorreram. Depois dessa retrospectiva, o autor se detém nos desafios que Aparecida terá que enfrentar, para tratar de dar uma resposta convincente às angústias e aos anseios de milhões de latino-americanos nesta hora grave da sua história.

"A teoria do amadurecimento pessoal, a adolescência e a Vida Religiosa" - de

Patrícia Ferreira Del-Fraro e José Del-Fraro – é um texto extremamente interessante, oportuno e iluminador. Nele os autores apresentam e comentam algumas idéias do psicanalista inglês Winnicott sobre a adolescência dentro da teoria do amadurecimento pessoal. Falam do rearranjo psíquico que ocorre de acordo com os padrões organizados na primeira infância, ressaltando algumas características dessa fase, como a imaturidade e o isolamento. Focalizam também outros aspectos como a luta para sentir-se real, a repulsa pelas falsas soluções e as fantasias inerentes às escolhas objetais com os problemas daí decorrentes. O papel dos pais, professores e formadores religiosos (as) é descrito com peculiar clareza. Para os autores, esse papel é fundamental para a construção e fornecimento da realidade. A parte final do artigo trata da complexa questão da distinção das patologias que se confundem com a adolescência normal e a relação destas com as tendências anti-sociais. Os autores concluem advertindo que pais, professores e formadores, por desconhecimento ou limitações psíquicas, não poucas vezes, podem incorrer em falhas nesse importante papel que lhes incumbe. Se isto acontece, “na Vida Religiosa o que era entusiasmo pode passar a ser repúdio e uma desconstrução da dimensão espiritual pode sobrevir. Os formadores (as) e os religiosos precisam estar cientes da teoria do amadurecimento do adolescente para que, como família substituta, possam facilitar esse difícil e longo e por que não, belo processo. Após a tempestade pode ocorrer a bonança!” Além da comprovada competência, o texto revela uma acurada sensibilidade para com a realidade da Vida Religiosa, especi-

almente para com a difícil e importante missão dos formadores e a situação dos formandos(as).

No seu artigo – “Paixão por Cristo, paixão pela humanidade. Discernindo o presente na busca de um futuro para a Vida Religiosa” –, Eloísa Maria Braceras Gago apresenta um sério questionamento às comunidades religiosas. O artigo é interessante e oportuno. Visa levar as pessoas e as comunidades a uma profunda reavaliação de seus objetivos e das suas práticas. Tomando como ponto de partida o objetivo do Congresso Internacional da Vida Consagrada acontecido em 2004 e seus desdobramentos posteriores, a autora trata questões de particular relevância hoje. Em primeiro lugar o contexto da Vida Religiosa atual, ou seja, o século XXI. Nesse item, a autora focaliza os grandes desafios desse contexto, nas suas vertentes – sócio-cultural, eclesial. Outra importante questão tratada é a fundamentação bíblico-teológica da Vida Religiosa, com ênfase no testemunho e na dimensão profética. Um olhar crítico sobre o itinerário histórico das últimas décadas é outro interessante aspecto contemplado e que coloca em relevo os tropeços e os avanços da caminhada, bem como as novas possibilidades abertas para o futuro. No final do artigo a autora lembra que “se estruturalmente é necessário voltar à simplicidade inicial, espiritualmente precisamos voltar não só ao carisma do fundador, mas também à centralidade de Jesus que inspirou o seguimento evangélico fazendo do evangelho nossa primeira norma, e ainda ao amor sponsal de Cristo, presente não só na nossa inspiração profética quanto na própria experiência pessoal fundante e vocacional”.



# Palavra do Papa

## Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para a celebração do Dia Mundial da Paz

1º de janeiro de 2007

### *A pessoa humana, coração da paz*

1. No início do ano novo, desejo fazer chegar aos Governantes e aos Responsáveis das Nações, bem como a todos os homens e mulheres de boa vontade os meus votos de paz. Envio-os, de modo particular, a quantos se encontram na tribulação e no sofrimento, a quem vive ameaçado pela violência e pela constrição das armas ou, espezinhado na sua dignidade, aguarda o próprio resgate humano e social. Envio-os às crianças que, com a sua inocência, enriquecem a humanidade de bondade e de esperança e, com o seu sofrimento, a todos nos animam a sermos obreiros de justiça e de paz. Pensando precisamente nas crianças, especialmente naquelas cujo futuro está comprometido pela exploração e pela maldade de adultos sem escrúpulos, quis que, por ocasião do Dia Mundial da Paz, a atenção se concentrasse sobre o tema: *Pessoa humana, coração da paz*. De fato, estou convencido de que respeitando a pessoa promove-se a paz e,

construindo a paz, assentam-se as premissas para um autêntico humanismo integral. É assim que se prepara um futuro sereno para as novas gerações.

### **A pessoa humana e a paz: dom e missão**

2. A Sagrada Escritura afirma: «Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1,27). *Por ter sido criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa; não é só alguma coisa, mas alguém, capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e de entrar em comunhão com outras pessoas. Ao mesmo tempo, ele é chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar<sup>1</sup>. Nesta admirável perspectiva,*

<sup>1</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, 357.

compreende-se a missão confiada ao ser humano de amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz. Numa síntese eficaz Santo Agostinho ensina: «Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós»<sup>2</sup>. É, pois, um dever de todos os seres humanos cultivar a *consciência do duplo aspecto de dom e de missão*.

3. Do mesmo modo a paz é *simultaneamente um dom e uma missão*. Se é verdade que a paz entre os indivíduos e os povos – a capacidade de viverem uns ao lado dos outros tecendo relações de justiça e de solidariedade – representa um compromisso que não conhece pausa, é também verdade, antes é-o mais ainda, que a *paz é dom de Deus*. A paz é, com efeito, uma característica da ação divina, que se manifesta tanto na criação de um universo ordenado e harmonioso como também na redenção da história humana necessitada de ser recuperada da desordem do pecado. Criação e redenção oferecem, portanto, a chave de leitura que introduz na compreensão do sentido da nossa existência sobre a terra. O meu venerado predecessor João Paulo II, dirigindo-se à Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 5 de outubro de 1995, teve a ocasião de dizer que nós «não vivemos num mundo irracional ou sem sentido, mas [...] existe uma lógica moral que ilumina a existência humana e torna possível o diálogo entre os homens e os povos»<sup>3</sup>. A “gramática” transcendente, ou seja, o conjunto de regras da ação individual e do recíproco relacionamento entre as pessoas de acordo

com a justiça e a solidariedade, está inscrita nas consciências, nas quais se reflete o sábio projeto de Deus. Como recentemente quis reafirmar, «nós cremos que na origem está o Verbo eterno, a Razão e não a Irracionalidade»<sup>4</sup>. A paz é, portanto, também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o respeito pela “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador.

Nesta perspectiva, as normas do direito natural não hão-de ser consideradas como directrizes que se impõem a partir de fora, como se coarctassem a liberdade do homem. Pelo contrário, devem ser acolhidas como uma chamada a realizar fielmente o projeto universal divino inscrito na natureza do ser humano. Guiados por tais normas, os povos – no âmbito das respectivas culturas – podem aproximar-se assim do maior mistério, que é o mistério de Deus. Por isso, o reconhecimento e o respeito pela lei natural constituem também hoje a grande base para o diálogo entre os crentes das diversas religiões e entre estes e os não crentes. É este um grande ponto de encontro e, portanto, um pressuposto fundamental para uma autêntica paz.

## **O direito à vida e à liberdade religiosa**

4. O dever de respeitar a dignidade de cada ser humano, em cuja natureza se

<sup>2</sup> Sermão 169, 11,13; PL 38,923.

<sup>3</sup> N. 3.

<sup>4</sup> Homília no Islinger Feld de Regensburg (12 de setembro de 2006).

reflete a imagem do Criador, tem como consequência *que não se possa dispor da pessoa arbitrariamente*. Quem detém maior poder político, tecnológico, econômico, não pode aproveitar disso para violar os direitos dos outros menos favorecidos. De fato, é sobre o respeito dos direitos de todos que se baseia a paz. Ciente disso, a Igreja faz-se paladina dos direitos fundamentais de cada pessoa. De modo particular, ela reivindica o respeito da *vida* e da *liberdade religiosa* de cada um. O respeito do direito à vida em todas as suas fases estabelece um ponto firme de importância decisiva: *a vida é um dom de que o sujeito não tem completa disponibilidade*. Igualmente, a afirmação

**De fato, é sobre  
o respeito  
dos direitos  
de todos  
que se baseia  
a paz.**

---

do direito à liberdade religiosa põe o ser humano *em relação com um Princípio transcendente que o furta ao arbítrio do homem*. O direito à vida e à livre expressão da própria fé em Deus não está nas mãos do homem. A paz necessita que se estabeleça *uma clara fronteira entre o que é disponível e o que não o é*: assim se evitarão intromissões inaceitáveis naquele patrimônio de valores que é próprio do homem enquanto tal.

5. Quanto ao *direito à vida*, cabe denunciar o destroço de que é objeto na nossa sociedade: junto às vítimas dos conflitos armados, do terrorismo e das mais diversas formas de violência, temos as mortes silenciosas provocadas pela fome, pelo aborto, pelas pesquisas sobre os embriões e pela eutanásia. Como não ver nisto tudo um atentado à paz? O aborto e as pesquisas sobre os embriões constituem a negação direta da atitude de acolhimento

do outro que é indispensável para se estabelecerem relações de paz estáveis. Mais: no que diz respeito à *livre manifestação da própria fé*, outro sintoma preocupante de ausência de paz no mundo é representado pelas dificuldades que frequentemente tanto os cristãos como os adeptos de outras religiões encontram para professar pública e livremente as próprias convicções religiosas. No caso particular dos cristãos, devo ressaltar com tristeza que por vezes não se limitam a criar-lhes impedimentos; em alguns Estados são mesmo perseguidos, tendo-se registado ainda recentemente episódios de atroz violência. Existem regimes que impõem a todos uma única religião,

enquanto regimes indiferentes alimentam, não uma perseguição violenta, mas um sistemático desprezo cultural quanto às crenças religiosas. Em todo o caso, não se respeita um direito humano fundamental, com graves repercussões sobre a convivência pacífica, o que não deixa de promover uma mentalidade e *uma cultura negativas para a paz*.

## **A igualdade de natureza de todas as pessoas**

6. Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente as *inúmeras injustas desigualdades* ainda tragicamente presentes no mundo. De entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas as *desigualdades no acesso a bens essenciais*, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, as *contínuas*

*desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais.*

Constitui um elemento de primária importância para a construção da paz o reconhecimento da *igualdade essencial entre as pessoas humanas*, que brota da sua transcendente dignidade comum. A igualdade a este nível é, pois, um bem de todos inscrito naquela “gramática” natural que se deduz do projeto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz. As gravíssimas carências de que sofrem muitas populações, especialmente no Continente africano, estão na origem de violentas reivindicações e constituem assim um tremendo golpe infligido à paz.

7. A mesma insuficiente consideração pela *condição feminina* introduz fatores de instabilidade no ordenamento social. Penso na exploração de mulheres tratadas como objetos e nas numerosas formas de falta de respeito pela sua dignidade; penso também — num contexto distinto — nas visões antropológicas persistentes em algumas culturas, que reservam à mulher uma posição ainda fortemente sujeita ao arbítrio do homem, com conseqüências lesivas da sua dignidade de pessoa e para o exercício das próprias liberdades fundamentais. Não devemos iludir-nos de que a paz esteja assegurada enquanto não forem superadas também estas formas de discriminação, que lesionam a dignidade pessoal, inscrita pelo Criador em cada ser humano<sup>5</sup>.

## A «ecologia da paz»

8. Na Carta Encíclica *Centesimus annus* escreve João Paulo II: «Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral, de que foi dotado»<sup>6</sup>. É respondendo a esta incumbência, que lhe foi confiada pelo Criador, que o homem, juntamente com seus semelhantes, pode dar vida a um mundo de paz. Assim, ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade, se tem a peito a paz, tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana. A experiência demonstra que *toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana*, e vice-versa. Surge assim com mais evidência um nexó incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens. Uma e outra pressupõem a paz com Deus. A poesia-oração de S. Francisco, conhecida também como «Canção do Irmão Sol», constitui um admirável exemplo — sempre atual — desta variegada ecologia da paz.

9. Quão seja estreito este nexó entre uma e outra ecologia ajuda-nos a compreender o problema, cada dia mais grave, do *abastecimento energético*. Nestes anos, novas Nações entraram decididamente no se-

<sup>5</sup> Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo (31 de maio de 2004), nn. 15-16.

<sup>6</sup> N. 38.

tor da produção industrial, aumentando as necessidades energéticas. Isto está a provocar uma corrida sem precedentes aos recursos disponíveis. Entretanto, persistem ainda em algumas regiões do planeta situações de grande atraso, onde o desenvolvimento está praticamente bloqueado devido também ao aumento dos preços da energia. Que acontecerá àquelas populações? Que tipo de desenvolvimento ou de não-desenvolvimento lhes será imposto pela escassez de reabastecimento energético? Que injustiças e antagonismos provocará a corrida às fontes de energia? E como reagirão os excluídos desta corrida? Estas perguntas põem em evidência quanto o respeito pela natureza esteja intimamente ligado à necessidade de tecer entre os homens e entre as Na-

ções relações respeitadoras da dignidade da pessoa e capazes de satisfazer as suas autênticas necessidades. A destruição do ambiente, um uso impróprio ou egoísta do mesmo e a apropriação violenta dos recursos da terra geram lacerações, conflitos e guerras, precisamente porque são fruto de um conceito desumano de desenvolvimento. Com efeito, um desenvolvimento que se limitasse ao aspecto técnico-económico, descurando a dimensão moral-religiosa, não seria um desenvolvimento humano integral e terminaria, ao ser unilateral, por incentivar as capacidades destruidoras do homem.

## Visões redutivas do homem

10. É urgente, portanto, mesmo no quadro das atuais dificuldades e tensões internacionais, empenhar-se em dar vida a uma *ecologia humana que favoreça o crescimento da "árvore da paz"*. Para tentar semelhante empresa é necessário deixar-se guiar por uma visão da pessoa não viciada por preconceitos ideológicos e culturais ou por interesses políticos e económicos, que incitem ao ódio e à violência. É compreensível que as visões do homem variem nas distintas culturas. Mas o que não se pode admitir é que sejam cultivadas *concepções antropológicas* que conttenham nelas mesmas o germe da contraposição e da violência. São igualmente inaceitáveis *concepções de Deus* que estimulem o descaso

para com os próprios semelhantes e o recurso à violência contra eles. Trata-se de um dado em que se deve insistir com clareza: uma guerra *em nome de Deus* jamais é aceitável. Quando uma certa concepção de Deus está na origem de fatos criminosos, é sinal de que tal concepção já se transformou em ideologia.

11. Hoje, porém, a paz não é posta em discussão só pelo conflito entre as visões redutivas do homem, ou seja entre as ideologias. É-o também pela *indiferença face àquilo que constitui a verdadeira natureza do homem*. Muitos contemporâneos negam, com efeito, a existência de

**A destruição  
do ambiente, um uso  
impróprio  
ou egoísta do mesmo  
e a apropriação  
violenta dos recursos  
da terra geram lacerações,  
conflitos e guerras,  
precisamente  
porque são fruto de um  
conceito desumano de  
desenvolvimento.**

uma específica natureza humana, tornando assim possível as interpretações mais extravagantes dos constitutivos essenciais do ser humano. Também aqui faz falta a clareza: uma visão "débil" da pessoa, que deixe espaço a qualquer concepção excêntrica, só aparentemente favorece a paz. Na verdade, impede o diálogo autêntico e abre o caminho à intervenção de imposições autoritárias, terminando assim por deixar a própria pessoa indefesa e, conseqüentemente, presa fácil da opressão e da violência.

## **Direitos humanos e Organizações internacionais**

12. Uma paz verdadeira e estável pressupõe o respeito dos direitos do homem. Mas se estes direitos se baseiam numa concepção débil da pessoa, como não hão-de ficar também eles enfraquecidos? Daqui se vê claramente a profunda insuficiência de uma *concepção relativista da pessoa*, quando se trata de justificar e defender os seus direitos. A aporia neste caso é patente: os direitos são propostos como absolutos, mas o fundamento aduzido para eles é apenas relativo. Causará surpresa se, diante das exigências "incômodas" postas por um direito ou outro, aparecer alguém a contestá-lo ou decidir ignorá-lo? Somente radicados em instâncias objetivas da natureza dada ao homem pelo Criador, é que os direitos a ele atribuídos podem ser afirmados sem medo de contestação. De resto, é evidente que os direitos do homem, por sua vez, implicam deveres. Bem o afirmava a propósito *mahatma* Gandhi: «O Gange dos direitos desce do Himalaia dos deveres» Somente

deixando claro este pressuposto de base é que os direitos humanos, hoje sujeitos a contínuos ataques, podem ser adequadamente defendidos. Sem esta clareza, acaba-se por utilizar a mesma expressão, precisamente 'direitos humanos', mas subentendendo sujeitos bem distintos entre si: para uns, a pessoa humana dotada de dignidade permanente e de direitos sempre válidos, em toda a parte e para todos; para outros, uma pessoa de dignidade mutável e de direitos sempre negociáveis nos conteúdos, no tempo e no espaço.

13. À tutela dos direitos humanos fazem constante referência os Organismos internacionais e, de modo particular, a Organização das Nações Unidas que, com a Declaração Universal de 1948, se propôs, como missão fundamental, promover os direitos do homem. Tal Declaração é vista como uma espécie de *compromisso moral assumido por toda a humanidade*. Isto encerra uma verdade profunda, sobretudo se os direitos humanos descritos na Declaração são considerados como detentores de fundamento não simplesmente na decisão da assembleia que os aprovou, mas na mesma natureza do homem e na sua inalienável dignidade de pessoa criada por Deus. É, portanto, importante que os Organismos internacionais não percam de vista o fundamento natural dos direitos do homem. Isto preservá-los-á do risco, infelizmente sempre latente, de resvalar para uma interpretação meramente positivista. Se isso acontecesse, os Organismos internacionais terminariam carecendo da autoridade necessária para desempenhar o papel de defensores dos direitos fundamentais da pessoa e dos povos, motivo principal da sua mesma existência e atividade.

## **Direito internacional humanitário e direito interno dos Estados**

14. A partir da consciência de que existem direitos humanos inalienáveis ligados com a natureza comum dos homens, foi elaborado um *direito internacional humanitário*, a cuja observância os Estados se comprometem mesmo em caso de guerra. Isto infelizmente não encontrou coerente atuação, prescindindo do passado, em algumas situações de guerra acontecidas recentemente. Foi o que se deu, por exemplo, no conflito que há alguns meses, teve por cenário o sul do Líbano, quando a obrigação de proteger e ajudar as vítimas inocentes e de não envolver a população civil foi em grande parte desatendida. O doloroso episódio do Líbano e a nova configuração dos conflitos, sobretudo desde que a ameaça terrorista pôs em prática *inéditas modalidades de violência*, requerem que a comunidade internacional reafirme o direito internacional humanitário e o aplique a todas as situações atuais de conflito armado, incluindo as não previstas pelo direito internacional em vigor. Além disso, a praga do terrorismo postula uma reflexão aprofundada sobre os limi-

**A partir da consciência de que existem direitos humanos inalienáveis ligados com a natureza comum dos homens, foi elaborado um direito internacional humanitário, a cuja observância os Estados se comprometem mesmo em caso de guerra.**

tes éticos que são inerentes ao uso dos instrumentos atuais de tutela da segurança nacional. Com frequência sempre maior, com efeito, os conflitos não são declarados, sobretudo quando os provocam grupos terroristas decididos a alcançar por qualquer meio os seus fins. Face aos desconcertantes cenários destes últimos anos, os Estados não podem deixar de sentir a necessidade de dotar-se de re-

gras mais claras, capazes de contrastar eficazmente o extraviado dramático que estamos assistindo. A guerra representa sempre um insucesso para a comunidade internacional e uma grave perda de humanidade. Mas quando, apesar de tudo, ela acontece, convém pelo menos salvaguardar os princípios essenciais de humanidade e os valores básicos de toda a con-

vivência civil, estabelecendo normas de comportamento que limitem ao máximo os seus danos e procurem aliviar os sofrimentos dos civis e de todas as vítimas dos conflitos<sup>7</sup>.

15. Outro elemento causador de grande inquietação é a vontade, manifestada recentemente por alguns Estados, de *possuírem armas nucleares*. Isto fez com que se acentuassem ainda mais o generalizado clima de incerteza e de medo por uma possível catástrofe atômica. O que faz

<sup>7</sup> A este respeito, o Catecismo da Igreja Católica estabeleceu critérios muitos severos e precisos: cf. nn. 2307-2317.

retornar à lembrança o passado, aquelas ânsias desgastantes do período da assim chamada "guerra fria". Desde então esperava-se que o perigo atômico estivesse definitivamente afastado e que o suspiro de alívio dado pela humanidade pudesse finalmente durar. Como se revela actual, a este respeito, a admoestação do Concílio Ecumênico Vaticano II: «Toda a ação bélica que tende indiscriminadamente à destruição de cidades inteiras ou vastas regiões e seus habitantes é um crime contra Deus e o próprio homem, que se deve condenar com firmeza e sem hesitação»<sup>8</sup>. Infelizmente sombras ameaçadoras continuam adensando-se no horizonte da humanidade. O caminho para garantir um futuro de paz para todos é constituído não somente por acordos internacionais que visem a *não proliferação das armas nucleares*, mas também pelo esforço de procurar com determinação a sua diminuição e definitiva abolição. Não se poupem esforços para se chegar, pela negociação, a alcançar, tais finalidades! Está em jogo o destino de toda a família humana!

## **A Igreja em defesa da transcendência da pessoa humana**

16. Desejo, enfim, dirigir um premente apelo ao Povo de Deus, a fim de que cada cristão sinta-se comprometido a ser incansável promotor de paz e acérrimo defensor da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis. Agradecido

<sup>8</sup> Const. past. *Gaudium et spes*, 80.

<sup>9</sup> Conc. Ecum. Vat. II, *Ib.*, 76.

ao Senhor por tê-lo chamado a pertencer à sua Igreja – que, no mundo, é «sinal e salvaguarda da transcendência da pessoa humana»<sup>9</sup>, o cristão não se cansará de Lhe implorar o bem fundamental da paz, que tanta importância tem na vida de cada um. Além disso, ele sentirá o orgulho de servir com generosa dedicação a causa da paz, indo ao encontro dos irmãos, especialmente daqueles que, além de sofrer pobreza e privações, estão também privados deste precioso bem. Jesus revelou-nos que «Deus é amor» (1Jo 4,8) e que a vocação maior de cada pessoa é o amor. Em Cristo, podemos encontrar as supremas razões para nos tornarmos paladinos seguros da dignidade humana e corajosos construtores de paz.

17. Portanto, jamais deixe de faltar a colaboração de cada crente para a promoção de um verdadeiro humanismo integral, conforme os ensinamentos das Cartas Encíclicas *Populorum progressio* e *Sollicitudo rei socialis*, das quais nos preparamos para celebrar precisamente este ano o 40º e o 20º aniversário. À Rainha da Paz, Mãe de Jesus Cristo "nossa paz" (Ef 2,14), confio a minha instante súplica por toda a humanidade no início do ano de 2007, que vislumbramos — mesmo entre perigos e problemas — com o coração cheio de esperança. Seja Maria a mostrar-nos no seu Filho o Caminho da paz, e ilumine os nossos olhos, para que saibamos reconhecer o seu Rosto no rosto de cada pessoa humana, coração da paz!

Vaticano, 8 de dezembro de 2006.

**BENEDICTUS PP. XVI**

# Informe CRB

## Dom Franco, uma lição de amor à missão

No dia 17 de setembro foi colhida mais uma flor do campo que perfumou os caminhos missionários em defesa da vida dos povos oprimidos, de modo especial, dos povos indígenas. Estamos falando de Dom Franco Masserdotti, bispo de Balsas – MA e presidente do CIMI, grande companheiro de luta. Nós, missionárias/os do CIMI estamos de luto, mas a esperança e a gratidão também habitam nosso coração pelo testemunho profético e pela apaixonada atuação missionária de D. Franco, que a todos/as cativava e animava.

Com ele aprendemos que a missão não se faz senão por uma presença discreta, dialogal, testemunhal e profética, marcada pela gratuidade e simplicidade.

O amor à causa indígena vem acompanhado pela necessidade de resgatar criticamente a memória histórica destes povos, criar espaços para seu reconhecimento e protagonismo e fortalecer suas lutas atuais. Este caminho nos leva ao encontro com Jesus crucificado e ressuscitado, em solidariedade aos crucificados da história.

Para expressar nosso sentimento frente a esta perda irreparável, fazemos nossas as palavras dos missionários do CIMI-Sul, Roberto Liebgott e Iara Tatiana Bonin, sobre D. Franco:

“Ele imprimiu em nós a sensação de que uma causa não pode ser assumida senão com paixão, que amar o próximo é

envolver-se, comprometer os sentimentos, o espírito, o sonho. Aprendemos com ele que não há envolvimento que não torne cativo o coração, que não há compromisso sem atolar os pés, sem os calos de seguir em marcha, sem colocar as mãos numa obra comum. E, em sua missão, D. Franco soube entregar-se, conviver, sentir, sofrer, sonhar com os

**D. Franco  
soube entregar-se,  
conviver, sentir,  
sofrer, sonhar  
com os mais pobres  
um novo tempo  
e plantar sementes  
de vida  
em abundância.**

mais pobres um novo tempo e plantar sementes de vida em abundância. Honrar sua memória é, portanto, desejar a vida em plenitude e para todos, mas assumindo a construção dessa vida em ações cotidianas, na oferta diária dos dons que nos foram concedidos, fazendo de cada momento um acontecimento importante na cons-

trução de um mundo melhor. Ele assumiu a causa indígena como um chamado, celebrou conosco sua inabalável confiança, comungou sonhos de resistência, ungiu nossa frente, lavou-nos os pés e a alma tantas vezes, nas atitudes generosas, corajosas, desprendidas. Elevou-nos e nos enviou em missão, para semear palavras e ações de testemunho. Honrar sua memória é seguir na luta, assumindo o diálogo como metodologia, o respeito como princípio de vida, o sorriso como estratégia

de convencimento, a generosidade como meio para desendurecer os corações. Para não esquecer D. Franco e a mensagem que com ele aprendemos, temos que continuar espalhando a Boa Nova, acreditando que a colheita será farta, a vida será plena, a terra será partilhada e se cobrirá de grãos para saciar a fome de justiça, a fome de paz, a fome de amor”.

Irmã Beatriz Catarina Maestri, cf  
Conselho Indigenista  
Missionário – CIMI – SP

## A Vida Religiosa e os novos espaços

JOSÉ COMBLIN

Quais são os novos espaços na sociedade nova, construída de acordo com a globalização dirigida pelos meios financeiros do mundo atual?

### 1. O mundo dos excluídos

Em primeiro lugar, está o mundo dos excluídos, destinado a crescer indefinidamente porque a dinâmica da economia atual exclui cada vez mais. A opinião pública começou a ficar alarmada e todos os políticos do mundo inteiro colocam o emprego como primeira prioridade. Porém, não estão dispostos de modo algum a mudar o sistema. Mudar o sistema? Ninguém que tenha um certo poder, quer mudar o sistema. Todos gostariam de mudar a realidade sem mudar o sistema; integrar os excluídos dentro de uma sociedade que multiplica os excluídos.

As próprias instituições financeiras lamentam cada vez mais a exclusão e afirmam

que os mecanismos que produziram o desemprego, doravante vão produzir emprego.

O fenômeno já foi descrito milhares de vezes e ninguém pode desculpar-se dizendo que não sabia. Todos sabem. Desde o momento em que as mudanças necessárias tocam nos privilégios da nova classe dominante, aparece o veto terminante e os governos têm que obedecer.

**Desde o momento em que as mudanças necessárias tocam nos privilégios da nova classe dominante, aparece o veto terminante e os governos têm que obedecer.**

A democracia já virou fachada. O povo brasileiro pode eleger o presidente já que ele não tem poder. Mas não pode eleger o presidente do Banco central que tem o verdadeiro poder, porque concentra a vontade da nova classe dominante. O governo precisa obedecer. Quanto ao Congresso, a maioria dos seus membros não representam nenhuma categoria

popular, mas representam a mega-empresa, transnacional ou nacional que fez deles ou delas um deputado ou um senador. Eles representam o poder das grandes empresas.

Por isso, a exclusão não é um fenômeno passageiro que algumas pequenas reformas poderiam resolver. Ela veio para durar porque é a base dos privilégios ascendentes da nova classe dominante, nacional ou transnacional.

Dizem que a solução é a educação. Porém, que educação para que finalidade? Qual seria a finalidade da educação nas escolas populares? O que é que se vai ensinar a crianças e jovens que sabem que serão excluídos do mundo do trabalho e terão que buscar uma solução na economia informal?

O mundo dos excluídos mora nas favelas que constituem o grande modo habitacional do futuro. As favelas estão aumentando. O processo é irreversível porque qualquer programa habitacional encontrará o veto das classes dirigentes e das grandes companhias, porque estas acham que o capital nacional não pode ser desperdiçado dessa maneira.

As classes dominantes podem contar com o apoio da mídia, da televisão, do rádio, de todos os jornais importantes. Todos lamentam profundamente as conseqüências da exclusão e oferecem mais polícia como solução imediata e prática. Ensinam de modo convincente que não há outra saída e que o sistema atual que produziu a exclusão, doravante vai produzir inclusão: é o novo milagre da transformação da água em vinho. Mais desenvolvimento do mesmo sistema vai produzir outro sistema. São os milagres da nova religião, da religião do dinheiro.

A classe média lamenta profundamente, mas não tem alternativa e deseja com muita força que os responsáveis da sociedade atual mudem a economia e resolvam a questão da exclusão. Mas eles são os

trabalhadores que fazem com que o sistema funcione. São os que conseguem salvar a vida dentro do sistema, embora possam sentir-se sempre ameaçados de cair fora do sistema. Não podem fazer nada para mudar.

De quatro em quatro anos, a sociedade estabelecida pratica um ritual de penitência. Vota num candidato que promete mudanças e com isso ficam limpos de qualquer colaboração com o sistema. O voto é um ritual penitencial que apaga a culpa social. Cada um vota pela mudança e por isso acha que cumpriu e fica com a consciência tranqüila. O voto serve para evacuar o sentimento de culpa.

E a Igreja? No meio desta situação, a Igreja fica calada. Fala com palavras que ninguém ouve. A doutrina social fica silenciosa. Faz 30 anos que ela não fala para esta sociedade nova que se instalou no mundo inteiro. Os bispos podem falar mas na Igreja atual os bispos já perderam a força da palavra. Há uma só palavra que se ouve: a palavra que vem de Roma e esta fica calada. Até quando? Ela pensa que fazendo acordos explícitos ou tácitos com os poderes dominantes, vai conseguir transformar o sistema?

Se olharmos para a realidade desta sociedade dos excluídos, devemos constatar o fato de que a presença da Igreja católica é extraordinariamente fraca e cada vez mais fraca. O espaço é ocupado por denominações pentecostais protestantes ou por outros grupos religiosos.

A cultura católica é feita para um mundo de incluídos: família integrada, trabalho estável, filhos bem educados e boa perspectiva de futuro. Havia tudo isso na antiga classe camponesa que já desapareceu nos países da Europa e vai desapare-

cendo no resto do mundo na medida em que a terra é tomada por grandes empresas que produzem para o mercado mundial.

Nem o catecismo, nem o ritual sacramental, nem as devoções tradicionais, nem a organização da comunidade adaptam-se à cultura popular do mundo dos excluídos. De modo geral os próprios agentes de pastoral não se sentem bem à vontade nessa cultura. Quantas vezes o padre vem uma vez por mês para celebrar a missa. Chega na hora da missa e logo em seguida vai embora, celebrar outra missa em outra capela. Não sente gosto pelo povo que aí se reúne. Celebrou uma missa que não significa nada para ninguém, como se fosse uma obrigação administrativa. Isto não significa uma presença da Igreja.

A distância vai crescendo entre a cultura eclesiástica e a cultura dos excluídos. Os agentes de pastoral participam da cultura da classe média que vai melhorando e transformando-se muito mais depressa do que a cultura popular. Vem o momento em que todo diálogo se torna impossível porque se falam duas línguas diferentes.

Os pastores falam a língua do povo e por isso atraem, convencem, apesar de todas as inferioridades que possam ter. Os agentes católicos falam a partir de outra cultura e falam de uma Igreja que esse povo não conhece e nunca encontrou. A formação sacerdotal em lugar de preparar um diálogo, afasta por que separa o alu-

no desse povo. Nos anos de seminário o jovem esquece o que sabia do seu povo e vai adquirindo a cultura eclesiástica, a sub-cultura que serve como meio de comunicação entre os agentes de pastoral. Aprende a falar "clerical" e ninguém entende esse linguajar. Depois de 6 ou 7 anos de seminário, o jovem torna-se incapaz de evangelizar. Faz discursos dirigidos aos seus colegas ou aos servidores das capelas que fazem de conta que entendem.

**Nem o catecismo,  
nem o ritual  
sacramental,  
nem as devoções  
tradicionais,  
nem a organização  
da comunidade  
adaptam-se  
à cultura popular  
do mundo dos  
excluídos.**

---

Não basta multiplicar as exortações. Não adianta dizer: - a Igreja deve evangelizar, a Igreja evangeliza. Se ela é incapaz, é incapaz. Não são as exortações piedosas que vão dar capacidade a uma pessoa que não tem capacidade. Se alguém não pode, não pode. Não adianta insistir, mostrar a beleza da evangelização. A forma-

ção nos seminários não prepara para isso. Os estudos de direito não preparam para a medicina, por mais que se exorte o advogado a resolver problemas de saúde. Ele não foi preparado para isso. Da mesma maneira o sacerdote não foi preparado para evangelizar o mundo popular.

Alguns se preparam heroicamente por experiência própria, sem ajuda. Vão aprendendo pela experiência própria, porque sentem uma vocação muito forte. Passaram o seu tempo de seminário resistindo a essa cultura clerical que se lhes queria inculcar.

E os religiosos? Pode-se dizer que todas as congregações foram fundadas numa

época em que não havia essa distância cultural entre os excluídos e os incluídos. A sub-cultura eclesiástica era língua comum. A presença da Igreja na cultura era muito mais importante. Havia uma só língua que era a língua comum da cristandade. Os religiosos praticavam a religião popular da sua família e a família entendia perfeitamente as razões da vida religiosa embora, às vezes, algumas coisas lhes parecessem estranhas. Mas a estranheza era parte da cultura comum. Não havia dificuldade de comunicação. Por isso, a comunicação não era problema na cultura camponesa tradicional.

Por isso, as regras e constituições das congregações foram enunciadas no linguajar da cristandade rural. Havia poucas diferenças entre elas, já que todas pertenciam ao mesmo mundo cultural que era também o do catolicismo popular. Estavam tão impregnadas da cultura da cristandade que elas se tornaram ininteligíveis na cultura atual, provocando inúmeras crises pessoais e desistências numerosas depois de longas crises.

Por isso, muitos religiosos de certa idade não conseguem entender a vida religiosa fora das estruturas do passado e fora das obras tradicionais. Por outro lado, já que são poucas as vocações, muitas congregações estão diante do problema de como manter as obras tradicionais. Duplo problema para as novas gerações.

Apesar de todas essas dificuldades há religiosos e sobretudo religiosas que procuram reinventar a vida religiosa dentro do mundo dos excluídos. Trata-se de uma experiência quase heróica, mas fundamental para preparar a futura evangelização.

Estão experimentando as dificuldades e as necessidades e preparam um começo de resposta para as gerações futuras.

Uma das dificuldades será a solidão. Não somente eles e elas não encontram nem apoio nem compreensão por parte do sistema clerical, mas muitas vezes encontram crítica e incompreensão dentro do próprio instituto. São acusados de falta de solidariedade porque não assumem as obras específicas do instituto; não querem tomar a responsabilidade das casas tradicionais.

Este imenso espaço de bilhões de seres humanos está totalmente aberto. Mas é um desafio muito grande. Claro está que somos um grão de areia numa praia imensa. Precisa começar sem pensar na imensidão da tarefa. Abraão também não sabia de que maneira teria uma descendência tão numerosa. Mas ele deixou a sua cidade e entrou no mundo desconhecido iniciando séculos de aventuras.

O mais difícil é sair de Ur para entrar no deserto sem saber quando terminará a viagem. Tudo isso depende do apelo de Jesus. É um carisma, uma graça especial que não se fabrica. Não há escola de formação de missionários. A vocação existe ou não existe, mas não se fabrica.

Se a Igreja abrisse caminho para leigos e leigas haveria muitos missionários. Mas o clero quer apenas leigos submissos, prestativos, disciplinados que fazem tudo o que se lhes diz que é para se fazer. Tais leigos nunca vão poder ser missionários. A condição básica é a liberdade de seguir a inspiração, a intuição espiritual, cada um a sua maneira.

O discurso eclesiástico é bonito. Mas, uma vez que se trata de conceder a liber-

dade, de reconhecer a autonomia dos leigos, vem a negação. No concreto do dia a dia, a Igreja representada pelo clero não quer entregar o poder de evangelizar aos leigos e não reconhece os carismas que existem. Habitualmente os leigos nem sequer descobrem que têm esse carisma porque não podem imaginar que um leigo possa ter alguma iniciativa, alguma autonomia na Igreja.

Os religiosos não consideram que o despertar de vocações leigas seja da sua incumbência. Gastam muita energia e muito dinheiro para fazer a propaganda da sua instituição, habitualmente com resultados bem fracos. Mas o serviço aos outros membros da Igreja nos seus carismas próprios não sempre está escrito na sua regra.

## 2. A nova religião

Um segundo espaço aberto aos religiosos é o espaço da nova religião. A nova cultura mundial, liderada pelos Estados Unidos, busca ansiosamente uma nova religião. Pois, a religião cristã tradicional perdeu todo sentido. Ficou vazia de conteúdo e deixa de ser útil aos jovens.

A religião da cristandade tradicional estava concentrada na busca da salvação eterna. A finalidade da religião era preparar para a morte de tal maneira que esta abrisse a porta para o céu e evitasse o inferno. A etapa intermediária do purgatório tinha também muita importância

porque inúmeras formas de devoção procuravam limitar as penas do purgatório para si mesmo e para outros. A religião tinha por tema a salvação eterna: "Salva tua alma"! Todos os elementos da religião da cristandade foram reinterpretados e reorientados a partir dessa finalidade.

Sucedo que esse problema deixou de interessar as gerações formadas na nova cultura. O que se busca é achar um senti-

do e um valor para a vida presente. O que interessa não é tanto a vida depois da morte, mas a vida presente.

Muitos não acham nada e procuram esquecer, afastar essa preocupação buscando distrações drogas materiais ou espirituais, tudo o que pode evitar a questão básica que é a questão do sentido da vida.

A ruína da religião tradicional no Ocidente e também das religiões tradicionais nos outros espaços espirituais, ainda que com um certo atraso, provocou um tremendo vazio, uma carência, uma frustração como nunca na história.

Poderíamos pensar que esta situação oferece uma imensa oportunidade para o evangelho. Na prática a situação é um pouco diferente. Quando as novas gerações consideram a vida religiosa, ficam perplexas: a primeira vista tudo parece estar orientado para a conquista da santidade; em tudo é preciso preparar-se para o juízo final. O ideal é a santidade e a santidade é vista como a qualidade que

**O mais difícil  
é sair de Ur  
para entrar no deserto  
sem saber quando  
terminará a viagem.  
Tudo isso depende  
do apelo de Jesus.  
É um carisma,  
uma graça especial  
que não  
se fabrica.**

abre a portas do céu. Então de acordo com as regras e a espiritualidade tradicional, tudo na vida religiosa tende para a busca da santidade. Em lugar de esconder os aspectos penosos da vida religiosa, esses aspectos são destacados como particularmente proveitosos e como caminhos excelentes para a santidade. As mortificações da vida presente aparecem como elementos favoráveis para a conquista da santidade.

Sucedem que essa santidade não interessa a mais ninguém. As novas gerações não querem ser santas, querem viver. Não entendem como uma pessoa pode dedicar a sua vida toda a buscar a santidade. Por isso as próprias congregações religiosas já não se atrevem a expressar o fundamento tradicional da vida religiosa, a busca da santidade, para os próprios candidatos. Mas então estes ficam com a dúvida: que estou fazendo aqui? Os que estão fora perguntam-se: para que isso?

Mas então, aparece a ambigüidade. Pois as novas gerações não percebem a vida religiosa como modo superior de viver intensamente. Ficam com a impressão de que no mundo atual há muitas outras maneiras de se viver intensamente.

Muitos ficam impressionados pelo evangelho, mas não reconhecem esse evangelho na vida religiosa, nem na Igreja católica de modo geral. Lendo o evangelho, eles interpretam-no nas categorias da cultura atual. Quando Jesus fala da vida, eles entendem que se trata da vida nesta terra. Na cristandade entendiam que Jesus falava da vida espiritual, ou seja, da preparação para a vida futura.

Na sociedade atual existe uma infinidade de grupos, escolas, seitas, que pro-

põem receitas de felicidade e de desenvolvimento humano. Muitos desses grupos são de baixa qualidade. Muitos são puro negócio, usando as necessidades religiosas das pessoas. Muitos movimentos de felicidade ou de plena realização humana invocam fundamentos científicos, outros invocam antigas receitas de sabedoria de todos os povos e todas as civilizações antigas. Muitas são criações contemporâneas e de valor muito variável. Todo esse mundo mostra a busca de uma religião que possa orientar a aspiração fundamental para a plenitude de vida. Muitos grupos invocam tradições cristãs mas não as encontram nas Igrejas.

Além disso, ou ao lado disso, muitas pessoas procuram nesses movimentos uma ajuda no descobrimento de si próprios, procuram nas experiências pessoais um caminho próprio. Os novos movimentos religiosos nem pedem, nem recebem essa adesão total que as Igrejas exigiam e recebiam no tempo da cristandade. Cada um experimenta o que lhe parece interessante, mas não assume nenhum compromisso.

Há um imenso campo religioso aberto mas os religiosos oficiais da Igreja não parecem muito interessados. Cada um defende as suas tradições particulares sem saber fazer a escolha entre o tradicional que já está morrendo e o novo que assusta. Os religiosos estão muito preocupados pela continuidade da vida religiosa tradicional, pouco preocupados pelo que buscam bilhões de contemporâneos. Porque não entrar no espaço religioso do mundo atual, participando dos grupos, dos movimentos, da procura religiosa do mundo?

### 3. A vida pública a nível mundial

Um terceiro espaço é a vida pública a nível mundial. A vida pública é o conjunto de grupos, movimentos e atividades sociais que se opõem ao império financeiro mundial que domina o mundo atual com a colaboração de quase todos os governos do mundo.

Houve um tempo em que a vida pública estava concentrada nos partidos políticos. Hoje em dia os partidos políticos não têm mais nenhuma atividade. O seu trabalho consiste em fazer as leis que exige o poder financeiro mundial. Eles são parte da administração da sociedade imperial mundial. Todos pensam a mesma coisa, fazem a mesma coisa, ou seja, nada. Os melhores estão perfeitamente conscientes disso.

No entanto existe uma intensa atividade de contestação e de luta contra esse sistema dominante. Há no mundo milhares de associações e movimentos que de alguma maneira lutam contra um aspecto do sistema em vista de uma mudança radical.

O que foram outrora o partido liberal e depois dele o partido socialista foi substituído por dezenas de milhares de associações espalhadas pelo mundo inteiro, que ainda não fizeram a sua unidade, mas que desde já entraram na luta contra o sistema.

**Muitos movimentos de felicidade ou de plena realização humana invocam fundamentos científicos, outros invocam antigas receitas de sabedoria de todos os povos e todas as civilizações antigas.**

Até agora não conseguiram abalar o poder financeiro mundial. Mas a consciência de que esse sistema financeiro não é eterno e todo-poderoso vai crescendo.

Qual é a presença dos religiosos nesse espaço? No Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2005, havia 155.000 participantes de milhares de associações do mundo inteiro. Havia algumas dezenas de religiosos e religiosas, um bispo e alguns

sacerdotes. Nem sequer a milésima parte, nem sequer um por mil. A Gaudium et Spes dizia que a Igreja participa das esperanças, das angústias, das necessidades do mundo. Mas a Igreja não se interessa muito por isso. Na hora dos fatos, ela está ausente. Nessa hora do Fórum Social cada religioso tinha muita coisa importante para fazer dentro da sua comunidade ou dentro da sua obra. Es-

sas coisas ocultavam o que estava acontecendo o mundo. Muitos disseram que não estavam preparados, que não sabiam o que fazer ali. Era justamente por isso que era preciso participar para aprender a conhecer o mundo em que estão vivendo.

Claro está que há uma minoria de religiosas e religiosos que está heroicamente no meio do nosso mundo. Estão salvando a honra da corporação! No entanto é bastante freqüente que esses heróis e essas heroínas têm dúvidas e se perguntam se há espaço para eles ou elas na congregação e se a pertença à congregação constitui realmente uma ajuda.

Estes são alguns espaços abertos para os religiosos de amanhã. É muito difícil que os religiosos e as religiosas de hoje mudem de espaço. Foram preparados para o espaço que ocupam. No caso dos religiosos sacerdotes, é muito simples: a grande maioria são vigários de paróquias, traíndo a sua vocação. A paróquia é um espaço medieval, totalmente afastado dos espaços da sociedade contemporânea. Muitos religiosos são excelentes párocos. Mas o fundador não aspirava a que fossem vigários. Queriam que estivessem justamente lá onde o evangelho não estava sendo anunciado.

As religiosas estão no perigo permanente de ser cooptadas pelos vigários e

colocadas a serviço das obras paroquiais, como mão-de-obra barata e eficaz, sem considerar a vocação própria delas. Algumas conseguem emancipar-se, mas sofrem muitas vezes uma tensão interna porque, por um lado elas se sentem pressionadas e por outro lado não querem abandonar a busca de uma vocação pessoal.

Os espaços estão abertos para os jovens e as jovens. O mundo está aberto para acolher a mensagem do evangelho. E a vida religiosa?

---

**Endereço do autor:**

Rua Rosinaldo Santana, 900  
58308-650 - Bayeux - PB

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 - Que formas de presença e atuação sua comunidade/província mantém no mundo dos excluídos? Quais são os principais desafios que enfrenta aí?
- 2 - Como o espaço da nova religião está sendo ocupado ou trabalhado por religiosos e religiosas? Partilhe experiências que você conheça nessa linha.
- 3 - Como a Vida Religiosa pode ser profeta na vida pública a nível mundial hoje?

# Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição latino-americana<sup>1</sup>

PE. ROBERTO OLIVEROS, SJ

Já se sentia uma forte brisa de renovação na Igreja dos anos que precederam o Concílio Vaticano II, acompanhando as vicissitudes da modernidade que a Europa e o mundo viveram na primeira parte do século XX, em boa parte, em consequência das profundas mudanças sociais e culturais acontecidas no século XIX. Basta lembrar alguns passos que estavam sendo dados no campo social e pastoral para responder aos novos desafios. Por exemplo, a renovação filosófica e social, motivada por Maritain e seus discípulos, que deu fundamentos para o surgimento da democracia cristã que vinha superar um abraço secular da Igreja com a monarquia. Nesta arrancada surgiu a Ação Católica em vários países, em cujas pegadas se organizaram os operários católicos na JOC, os estudantes na JEC, os universitários na JUC, os agricultores na JAC, eram passos diferentes da presença no mundo secular.

Naquele contexto sócio-eclesial de meados do século XX, um grupo significativo e dinâmico de bispos na América Latina, encabeçados por Dom Helder Câmara, sentiam a necessidade de conhecer melhor a realidade latino-americana e discernir uma ação evangelizadora adequada à mesma. Para isto, porém, era neces-

sário um espaço de encontro dos Bispos para trocar experiências e pontos de vista. Daí surgiu a proposta de se criar as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano. O avanço dos meios de transporte, em particular do avião, facilitava as possibilidades de reunião. O Papa Pio XII acolhe e dá respaldo a esses desejos e pedidos e convoca a I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.

## I Conferência Geral do Episcopado Latino-americano

É oportuno lembrar que estas Conferências de bispos são convocadas pelo Papa, e, ao serem concluídas, é publicado um documento sobre os temas nelas tratados e uma breve mensagem<sup>2</sup>. As Conferências posteriores à primeira, do Rio de Janeiro, são organizadas pelo CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano). Até hoje, as Conferências gerais do Episcopado Latino-americano realizadas ou convocadas, foram:

- A primeira no Rio de Janeiro em 1955, sobre como fortalecer as nossas Igrejas locais e o seu serviço na América Latina.

<sup>1</sup> Traduzido da Revista CLAR, abril-junio 2006, n. 2, pp. 21-34 Tradução: Aurea Marin.

<sup>2</sup> Por isso, as Conferências se distinguem claramente dos Sínodos, pois estes são organizados pelas comissões responsáveis da Cúria Vaticana; e, além disso, os Sínodos não publicam documento, mas o trabalho é passado ao Papa que, se achar conveniente, publica um documento pontifício sobre os assuntos tratados.

- A segunda em Medellín, em 1968, sobre como aplicar as orientações do Concílio Vaticano II na América Latina.
- A terceira foi em Puebla, em 1979, sobre o presente e o futuro da evangelização na América Latina.
- A quarta foi em Santo Domingo, em 1992, sobre a nova evangelização, a promoção humana e a cultura cristã.
- A quinta será em Aparecida, Brasil, em maio de 2007, sobre os discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que os nossos povos tenham vida.

**Diante do crescimento populacional e de outros fatores era necessário que as Igrejas locais se enraizassem e fortalecessem.**

---

A I Conferência realizada no Rio de Janeiro, em julho-agosto de 1955, quanto à sua forma de trabalho e documentação, não tem as mesmas características das Conferências posteriores ao Vaticano II. Isto explica, em boa parte, o fato de que a divulgação, os comentários e, conseqüentemente, o conhecimento da mesma sejam escassos. Entre os diversos assuntos pastorais tratados, destacou-se e teve particular relevância o referente às vocações ao ministério sacerdotal. Isto se explica porque, à exceção da Colômbia e do México,

a Igreja católica latino-americana dependia majoritariamente da presença e da chegada de missionários vindos da Europa e muitos deles vinculados às suas respectivas congregações religiosas. Diante do crescimento populacional e de outros fatores era necessário que as Igrejas locais se enraizassem e fortalecessem.

Os bispos presentes assumiram também uma decisão que se revelaria de singular importância para o aparato eclesástico latino-americano nas décadas seguintes: determinaram a criação do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e que teria sua sede em Bogotá<sup>3</sup>. Desejava-ser que o CELAM fosse um instrumento episcopal dinamizador do serviço evangelizador, além de atender à formação nas áreas da pastoral e da teologia. Dom Helder Câmara foi nomeado o primeiro presidente<sup>4</sup>.

Já estava presente no ambiente o sopro do Espírito para a recuperação do comunitário no conjunto da Igreja, e na profunda tradição do serviço episcopal integrado em um "colégio", como pouco depois o Vaticano II vai recuperar, o que modifica profundamente o caminho da Igreja. É necessário lembrar brevemente o seu impacto.

<sup>3</sup> Ainda hoje alguns confundem o CELAM com as Conferências Gerais do Episcopado. São dois espaços diferentes: como foi dito, o CELAM é um **Conselho Episcopal a nível Latino-Americano**, que tem sede permanente e deve obedecer às determinações das Conferências. Outra coisa são as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (espécie de Concílios em nível de América Latina), que precisam ser convocadas pelo Papa que deve aprovar ou não os seus trabalhos e documentos.

<sup>4</sup> Por causa da influência que o CELAM foi adquirindo na vida eclesial, grupos conservadores o assumem a partir do ano de 1972, com o que se perdeu muito da sua tônica original.

## Concílio Ecumênico Vaticano II

Os estudiosos estão de acordo em dizer que o Vaticano II foi o 22º na história dos Concílios<sup>5</sup>. É óbvio, porém, que isto não é relevante, mas sim a densidade evangélica da sua mensagem e das suas orientações. Bem indicava o promissor teólogo mexicano Javier Jiménez Limón, SJ, ao analisar a ação do Espírito e a nossa ação na história dos Concílios e dos Sínodos, que podem ser classificadas em quatro categorias (que não se dão em estado puro, mas se entrelaçam e mesclam entre si):

- Aqueles em que a ação do Espírito é tão clara, forte e dominante, do tipo experimentado em Pentecostes (At 2,1-13), que os marca com o seu selo, dentro da nossa realidade humana vivida na fé. Como a história mostra, estas situações não são muito frequentes. *Neste horizonte, o citado teólogo coloca o Concílio Vaticano II e a Conferência Episcopal de Medellín.*
- Em outros há posturas e moções diferentes, porém o Espírito ajuda claramente no discernimento e nas decisões, em obediência ao Espírito, como viveu o Concílio de Jerusalém (At 15,1-35): "decidimos, o Espírito Santo e nós..." (At 15,28). Encontramos estas categorias com mais frequência no caminho da Igreja. Neste horizonte, o autor coloca a Conferência de Puebla.

- Em alguns há posições levadas com tanta força que se restringe o espaço para se sentir as moções do Espírito e a tranquilidade para discerni-las e, por isso, suas declarações são ofuscadas por essa situação. Em outras palavras, queremos levar ao Espírito o que pensamos e não nos deixamos guiar por Ele aonde quer nos conduzir, ainda assim o Espírito encontra meios e pessoas para abrir caminho. Nesta categoria se situa, em parte, a Conferência de Santo Domingo.

- E por último, há concílios ou sínodos onde praticamente se dá as costas ao Espírito e grupos influentes com interesses bem diferentes aos do Evangelho o manipulam e o controlam. Na tradição eclesial, estes não são frequentes, e até se chegou a denominá-los como "conciliábulo".

Então à distância de pouco mais de 40 anos do encerramento do Concílio Vaticano II, aparece com maior clareza a presença iluminadora e forte do Espírito no mesmo, em sintonia com o horizonte de Pentecostes. Basta lembrar como o retorno às fontes recuperou a Sagrada Escritura (antes do Concílio poucos lares tinham a Bíblia), e a grande Tradição Patrística. E com isto, a revolução copernicana que deu à eclesiologia, isto é, à consciência sobre a identidade e a missão da Igreja. Antes do Vaticano II, afirmava-se como certo e normal que a Igreja era uma sociedade desigual, que a Igreja era uma monarquia, e que fora dela não existia salvação. À conclusão do Concílio, seus documentos centrais

<sup>5</sup> É interessante lembrar que o primeiro Concílio Ecumênico se realizou no longínquo ano de 325, na cidade de Nicéia. Este foi seguido pelo I Concílio de Constantinopla, efetuado no ano de 381.

sobre o ser e a missão da Igreja, aparecem novamente conectados à mensagem do Evangelho: a Igreja é o Povo de Deus, ela é o sacramento universal de salvação e unidade do gênero humano, e que por isso está a seu serviço, ao modo de Jesus Cristo.

Um fato que ajuda a compreender essa mudança revolucionária de 180 graus, é lembrar que antes do Concílio o Presbítero celebrava a Missa de costas para a Assembléia e em latim. Porém as mudanças a que o Vaticano II leva não eram tão simples de serem postas em prática como colocar o altar de frente para a Assembléia, mas precisavam de uma profunda conversão, de uma nova mentalidade e de um conseqüente trabalho evangelizador.

Tentando ser fiéis ao Vaticano II, ao término do Concílio, Mons. Larraín, em nome de todos os bispos latino-americanos, pediu a Paulo VI que convocasse a segunda conferência geral do episcopado latino-americano, com a finalidade de aplicar as orientações conciliares na América Latina. O Papa a convocou para se realizar na cidade de Medellín, na Colômbia, em julho-agosto de 1968, com o tema "A Igreja na transformação da América Latina, à luz do Concílio".

## **II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano**

### ***A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio***

Como evangelizar, na América Latina, à luz das orientações conciliares? Para responder a esta questão central, os bispos

realizaram vários estudos da realidade latino-americana. A oportuna e inspiradora encíclica "Populorum Progressio" incentivou ainda mais este processo. Nas igrejas locais dos países latino-americanos, grupos de cristãos, tanto de leigos como de clérigos, se envolveram na tarefa de auscultar os "sinais dos tempos" na nossa realidade e refletir sobre eles à luz da fé.

Os bispos abriram os olhos para a realidade histórica, encontraram-se com as maiorias empobrecidas e carentes da América Latina: os indígenas, os lavradores, os moradores das periferias urbanas. Por isso a realidade desumana e injusta dos pobres está presente em todo o trabalho e nos escritos da Conferência. Ao discerni-la ficou claro que *a vida de pobreza desumana na qual vivem as maiorias não é Vontade de Deus*, mas é uma situação pecaminosa que deveria ser superada. Esta é a "experiência fundante" na fé que explica e fundamenta o clamor profético de Medellín, como podemos ver nas conclusões da Conferência, onde se destacam particularmente as referentes à: *Pobreza, Paz e Justiça e Pastoral de conjunto*.

Como os próprios bispos reconhecem nas primeiras frases da apresentação dos documentos da histórica Conferência de Medellín, o que viveram foi um "acontecimento salvífico", ou seja, um verdadeiro kairós da graça. Como dizíamos anteriormente, esta Conferência, pela força e clareza de sua mensagem se mostra em sintonia com a atuação do Espírito em Pentecostes. Quem esperava que, naquele momento, os bispos latino-americanos, denominados pelos colegas no Concílio como a Igreja do silêncio (por causa da escassa participação), abrissem as portas e as janelas do cenáculo de Medellín para aco-

lhes, proclamar e pôr-se profeticamente ao lado dos mais pobres e da justa libertação dos mesmos com surpreendente valentia, força e clareza?

Neste esforço de fidelidade criativa ao Vaticano II, a Igreja na América Latina acolheu o desejo e o pedido de João XXIII para ser fiel a sua vocação de servir e comungar preferencialmente com os pobres. Surgiu assim uma nova consciência e um novo modo de ser Igreja, reconhecida como a Igreja dos pobres. A Conferência de Medellín, seguindo Jesus Cristo no espírito bem-aventuranças, voltou a colocar os pobres e a sua libertação no centro da sua vida e da sua missão<sup>6</sup>, optando, surpreendentemente e profeticamente, pelos pobres e por sua libertação, para que estes sejam os primeiros e os principais destinatários portadores do Evangelho e, assim, a Igreja possa ser reconhecida como a Igreja dos pobres. Apresento a seguir algumas das linhas e dos textos relevantes da Conferência e que são de grande atualidade:

### ***Sobre a pobreza e injustiça social***

“Existem muitos estudos sobre a situação do homem latino-americano. Em todos se descreve a miséria que marginaliza

grandes grupos humanos. Essa miséria, como fato coletivo, é uma injustiça que clama aos céus” (Medellín, Justiça 1).

“O episcopado latino-americano não pode ficar indiferente diante das tremendas injustiças sociais existentes na América Latina, que mantêm a maioria dos nossos povos em uma dolorosa pobreza que se aproxima, em muitíssimos casos, à miséria de-sumana... Um clamor surdo brota de milhões de homens pedindo a seus pastores uma liber-

tação que não lhes chega de nenhuma parte” (Medellín, Pobreza 1.2).

### ***Sobre a vivência e a urgência de ser construtores de paz***

“A América Latina se encontra, em muitas lugares, em uma situação de injustiça que se pode chamar de violência institucionalizada. Tal situação exige transformações globais, audazes, urgentes e profundamente renovadoras” (Medellín, Paz 16).

“Se o desenvolvimento é o novo nome da paz, o subdesenvolvimento latino-americano, com características próprias nos diferentes países, é uma situação injusta promotora de tensões que conspiram contra a paz” (Medellín, Paz 1).

**Os bispos abriam os olhos para a realidade histórica, encontraram-se com as maiorias empobrecidas e carentes da América Latina: os indígenas, os lavradores, os moradores das periferias urbanas.**

<sup>6</sup> Na perspectiva de Medellín se compreendeu que o lugar privilegiado para se escutar e alimentar a Palavra de Deus é o pobre. São eles os destinatários privilegiados do Evangelho. Um bom grupo de pastores cristãos deram o seu amplo saber e experiência, como Marcelo de Barros. Na Igreja Católica, Carlos Mesters se sobressaiu neste serviço.

## ***Uma Igreja que renova as suas estruturas e se rejuvenesce nas CEBs***

Como renovar a Igreja e as estruturas clericais e centralizadoras, e fazer de modo que ela seja realmente a Igreja dos pobres e estes sejam sujeito eclesial e social, a fim de lançar o Evangelho da justiça e da paz? A Proposta evangelizadora e eclesial de Medellín foram as Comunidades eclesiais de base. Nelas os pobres teriam a sua própria universidade da fé, a conscientização da sua situação e das causas da mesma, aprenderiam a se organizar e a atuar na sua realidade sócio-eclesial (Medellín Pastoral de Conjunto 10-12).

### ***A leitura dos sinais dos tempos***

Essa tarefa nova implicou que se buscasse um modo adequado de aproximação da realidade, de análise e discernimento à luz da Palavra de Deus, para re-orientar a prática evangelizadora e o modo de viver a fé.

Reconheceu-se a Conferência de Medellín como um kairós do Espírito, onde a Igreja se compreende, na sua vida e na sua missão, a partir do pobre e da sua libertação. Por isto, Medellín marcou um antes e um depois na história da Igreja

latino-americana. Em Medellín, de uma Igreja dependente da Europa para a sua reflexão teológica e pastoral, passou-se a uma Igreja Latino-americana com temas e elaborações próprias, ainda que em forma incipiente<sup>7</sup>. Assim, pois, o compromisso com os pobres e a sua libertação, que vai marcar boa parte da caminhada dos anos posteriores, tipifica e é o grande passo dado por Medellín. Uma Igreja dos pobres e para sua libertação, implica um novo modo mais evangélico de ser leiga e leigo, um novo modo de viver a vida religiosa, um novo modo de ser presbítero e bispo.

Com o impulso dado pelo Concílio e por Medellín buscou-se criativamente não só melhorar a ortodoxia, mas também a "ortopráxis" cristã, para que o "aggiornamento" da Igreja e da sua missão não ficasse só nos documentos. Assim se iniciaram variadas experiências pastorais, algumas das quais também tentavam cooperar nas mudanças estruturais que a América Latina requeria; uma evangelização profética ia sendo gestada, estimulada por uma evangélica espiritualidade libertadora. Por isso iniciou-se a leitura bíblica a partir do povo; as CEBs ganharam impulso; iniciou-se a participação nos movimentos populares. Nunca na Igreja Latino-americana havia coincido o surgimento de um grupo de bispos tão notáveis como nos anos posteriores a

---

<sup>7</sup> Acompanhando, iluminando e estimulando esse processo sócio-eclesial aparecem os trabalhos pioneiros de uma teologia que, no ano de 1970, "foi batizada oficialmente" com o livro de Gustavo Gutierrez, "Teologia da Libertação". A sua contribuição teológica e a nova forma de fazer teologia foi um salto qualitativo na tarefa teológica latino-americana. Nos anos e nas décadas posteriores do séc. XX, vivemos um crescimento, uma produção e consolidação da teologia da libertação importantes e diversificados.

Medellín<sup>8</sup>. Porém, essa vibrante evangelização atraiu também uma séria reação contrária em importantes âmbitos sociais e eclesiais. O governo dos EUA considerou Medellín contrário a seus interesses na América Latina e implantou governos da assim chamada "segurança nacional" em vários de nossos países, os quais se opuseram aberta e violentamente contra o processo aberto por Medellín. E mais, chegou-se a viver como Igreja Martirial na América Latina por fidelidade ao Espírito do Senhor e aos pobres<sup>9</sup>.

Naquela situação sócio-eclesial, o Papa Paulo VI, escutando as diversas vozes que surgiam da nossa América Latina e o próprio ritmo de frequência das Conferências, convocou uma terceira conferência geral do episcopado latino-americano, a fim de dar impulso à evangelização na América Latina<sup>10</sup>. Realizar-se-á em outubro de 1978, na cidade de Puebla, México e terá como tema central: "A evangelização no presente e no futuro da América Latina"<sup>11</sup>.

### III Conferência Geral do Episcopado

#### *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*

Em meio a grande atenção e expectativa universal se realizou a Conferência até os inícios de 1979. O atraso foi devido ao falecimento de Paulo VI e, poucas semanas depois, de João Paulo I. Imediatamente João Paulo II confirmou a sua convocação e esteve presente em sua abertura. Os participantes da Conferência de Puebla contam que viveram uma experiência espiritual e eclesial apaixonante na gestação do documento. Seguindo a rica experiência do final do Concílio e de Medellín, *o método escolhido para tratar os temas, assim como do conjunto do documento foi o ver-julgar-agir*.

A pergunta que circulava então era: qual seria a postura da Conferência em relação a Medellín e suas opções? E com força e clareza, a Conferência de Puebla

<sup>8</sup> Basta recordar alguns deles, como Helder Câmara e Casaldaliga no Brasil; Proaño, no Equador, Angelleli na Argentina, Bogarin no Paraguai, Larraín e Silva, no Chile, Landázuri, no Peru, Méndez Arceo e Samuel Ruiz, no México, Gerardi, na Guatemala, e, em El Salvador, São Romero da América, o qual, desde a sua morte em 24 de março de 1980, o povo latino-americano reconhece de modo muito especial, como símbolo do bom pastor, profeta e mártir.

<sup>9</sup> Ao longo e ao largo da América Latina a vida cristã renovada e profética, fiel à opção pelos pobres e por sua justiça, foi consagrada no sangue dos mártires, vitimados pelo compromisso evangélico com a fé, com os pobres e a com a justiça, cuja memória é conservada por nossos povos e Igrejas.

<sup>10</sup> A palavra evangelização vem sendo usada como sinônimo da missão da Igreja desde a década dos anos 70. Foi determinante para isto o sínodo universal do ano de 1974 que tomou essa expressão como eixo central de seu trabalho. Paulo VI, com sua própria contribuição, publicou a importante e famosa exortação apostólica "Evangelii Nuntiandi" (O anúncio do Evangelho), em que se sublinha que "a Igreja só tem sentido e razão de ser na evangelização: a Igreja existe para evangelizar" (EN, 14).

<sup>11</sup> É necessário sublinhar que a palavra evangelização está sendo usada como sinônimo da missão da Igreja desde a década dos anos 70. "idem".

confirmou e assumiu as grandes orientações de Medellín, na intenção de ser a Igreja dos pobres. Deu-se, além disso, um substancial passo avante ao se delinear o projeto de Igreja e evangelização na América Latina, de acordo com esse novo modelo eclesial, e enriquecido criticamente com a vasta gama de experiências geradas pelos cristãos durante essa década no seu serviço evangelizador. Em Puebla, passou-se da etapa das "experiências pastorais", para se chegar à elaboração de um projeto pastoral, centrado na urgência de implementar uma evangelização libertadora:

"Os pastores da América Latina temos razões gravíssimas para apressar a evangelização libertadora, não só porque é necessário recordar o pecado individual e social, mas também porque, de Medellín para cá, a situação se agravou na maioria dos nossos países" (Puebla, 487).

A evangelização libertadora necessária na América Latina tem, obviamente, seu fundamento no amor a Deus e ao próximo. Em Puebla os bispos recordam que "ninguém pode amar a Deus, que não vê, se não ama o irmão que vê" (1Jo 4,20), perguntam-se o que significa amar o irmão na América Latina e respondem:

"O Evangelho nos deve ensinar que, diante da realidade que vivemos, não se pode, hoje na América Latina, amar verdadeiramente o irmão e, portanto, a Deus, sem se comprometer em nível pessoal e, em muitos casos, também em nível de es-

truturas, com o serviço e a promoção dos grupos humanos e dos extratos sociais mais desprovidos e humilhados, com todas as conseqüências que se seguem no plano das realidades temporais" (Puebla, 327).

Em conseqüência do amor ao próximo, logo não como algo tangencial ou passageiro, a Conferência de Puebla assume com renovado vigor a causa dos pobres e da libertação dos mesmos, que expressou sintética e profundamente na *opção preferencial pelos pobres*, que será o avanço que a qualifica e o elemento central que a tipifica:

"Comprovamos, pois, como o mais devastador e humilhante flagelo, a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos expressa, por

exemplo, na mortalidade infantil, na falta de habitações adequadas, nos problemas de saúde, nos salários de fome, no desemprego e no subemprego, na desnutrição, na instabilidade no trabalho, nas migrações de massa, forçadas e desamparadas, etc. Ao analisar mais a fundo a situação, descobrimos que esta pobreza não é uma etapa casual, mas o produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, ainda que haja outras causas de miséria" (Puebla, 29.30).

"Voltamos a tomar, com renovada esperança na força vivificante do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os

**"Como pastores,  
queremos  
decididamente  
promover,  
orientar e  
acompanhar  
as Comunidades  
Eclesiais de Base..."**  
(Puebla, 648).

---

desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, o desconhecimento e ainda a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, em vista de sua libertação integral" (Puebla, 1134).

Assim, dando continuidade a Medellín e vivendo a preferência pelos pobres para chegar a ser Igreja dos pobres, Puebla fortalece a renovação estrutural da Igreja a partir de suas células ao dar impulso às CEBs como elemento substancial na reconstrução eclesial e sua contribuição alternativa à injusta sociedade capitalista, pois são estas "motivo de alegria e esperança para a Igreja... já que se converteram em focos de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento" (Puebla, 96):

"Como pastores, queremos decididamente promover, orientar e acompanhar as Comunidades Eclesiais de Base..." (Puebla, 648).

Ainda que haja muitos elementos a serem destacados, gostaria de sublinhar por último o fato de que Puebla chama com vigor a participar decididamente a favor dos Direitos Humanos em diversos níveis: pessoais, nacionais e internacionais. É oferecida, assim, a colaboração da Igreja na construção de uma sociedade pluralista, justa e fraterna, centrada na pessoa humana (Puebla, 1206-1293).

O prometedor processo evangelizador latino-americano trabalhado e expresso pela Conferência de Puebla, rapidamente encontrou muitas e sérias dificuldades para ser posto em prática, pois nos anos 80 aconteceu a consolidação e a hegemonia, na Igreja Católica, do projeto eclesial neo-conservador de João Paulo II. Por isto,

neste pontificado se fortalece o centralismo, o clericalismo, e o autoritarismo da cúria vaticana, com conseqüente involução eclesial. Para fortalecer este modelo eclesial neo-conservador, são nomeados bispos dessa linha, as congregações religiosas de posturas e modos pré-vaticanos são enaltecidas, como também os movimentos laicais com este perfil; a Opus Dei foi assumida como prelatura pessoal pelo Papa João Paulo II; a formação da maioria dos seminários é controlada para que se sejam promovidos presbíteros de mentalidade conforme a esse projeto eclesial neo-conservador. Assim, o modo de ser Igreja deslanchado em Medellín e Puebla foi confrontado e, com freqüência, dolorosamente truncado.

No contexto social latino-americano, os anos 80, numa perspectiva econômica, são denominados "a década perdida", pois neles se alarga a pobreza e aumenta escandalosamente o abismo entre ricos e pobres. No final da década, termina abruptamente a guerra fria e surge uma nova situação política mundial que marca a espetacular queda do bloco soviético e o avanço livre do capitalismo neo-liberal e de seu élan cultural. E com isto, rapidamente se promove, a partir dos centros de poder, a cultura "moderna", chamada também "adveniente" que, em boa parte renova também a atitude cultural dos "conquistadores" entre os novos povos.

Os desafios do contexto social, o ritmo de freqüência destas Conferências e, em particular, a reflexão e a celebração dos 500 anos da chegada de Colombo à América, mostraram a necessidade de uma nova conferência geral do episcopado latino-americano, por isso, em 1987, João Paulo II a convoca. A sede seria Santo

Domingo, por ser a ilha onde Colombo e os primeiros evangelizadores chegaram. Em 1990, o Papa define o tema: "Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã". As diversas tendências eclesiais na América Latina, com suas contribuições e preocupações, manifestaram-se já nos vários documentos preparatórios de Santo Domingo.

## **IV Conferência Geral do Episcopado**

### ***Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã***

A Conferência de Santo Domingo se realizou de 12 a 28 de outubro de 1992. Dela participaram 234 bispos com direito de voz e voto. Também participaram outras 73 pessoas, das quais 18 eram leigos e leigas, porém somente com direito de voz. Apesar das dificuldades vividas naquele contexto eclesial, a maioria dos bispos participantes se manifestou a favor de se levar adiante o processo evangelizador e o modelo eclesial emanada no Concílio Vaticano II e nas Conferências de Medellín e Puebla:

*"Renovamos a nossa intenção de levar adiante as orientações do Concílio Vaticano II, aplicadas nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano celebradas em Medellín e em Puebla, atualizando-os através das linhas pastorais traçadas na presente Conferência"* (Sto. Domingo, 290).

Por isto, em várias partes do documento de Sto. Domingo são retomados e confirmados os elementos da mensagem central de Medellín e de Puebla:

***É retomada a evangélica opção preferencial pelos pobres. (Sto. Domingo, 180, 296, 302)***

*"Evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando na sinagoga mostrou que veio para evangelizar os pobres (Lc 4,18.19)... Esta é a fundamentação que nos compromete em uma opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, porém não exclusiva nem excludente..."* (Sto. Domingo, 178).

***É novamente denunciado o pecado social como o maior mal na América Latina. (Sto. Domingo, 179)***

*"O crescente empobrecimento em que estão mergulhados milhões de nossas irmãs e irmãos até a chegar aos intoleráveis extremos de miséria é o mais devastador e humilhante flagelo que a América Latina vive. Assim nós já denunciemos em Medellín e em Puebla e hoje voltamos a fazê-lo com preocupação e angústia... A política de corte neo-liberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as conseqüências negativas destes mecanismos"* (Sto. Domingo, 179).

***As CEBS são ratificadas.***

*"A comunidade eclesial de base é a célula viva da paróquia, entendida como comunhão orgânica e missionária... São sinais de vitalidade da Igreja, instrumento de formação e de evangelização, um ponto de partida válido para uma nova sociedade fundada sobre a civilização do amor... Consideramos necessário: ratificar a validade das comunidades eclesiais de base"* (Sto Domingo, 61.63).

**A promoção humana é sublinhada como dimensão essencial da evangelização.**

“Entre evangelização e promoção humana existem efetivamente laços muito fortes... como proclamar o mandamento novo sem promover, mediante a justiça e a paz, o verdadeiro, o autêntico crescimento do homem?” (Sto. Domingo, 15).

**O impulso aos direitos humanos é assumido. (Sto. Domingo 164-168)**

“Toda violação aos direitos humanos contradiz o plano de Deus e é pecado. A Igreja, ao proclamar o evangelho dos direitos humanos, não se arroga uma tarefa alheia a sua missão, mas, ao contrário, obedece ao mandato de Jesus Cristo de que a ajuda ao necessitado é uma exigência essencial de sua missão evangelizadora. Os Estados não concedem estes direitos: é preciso protegê-los e desenvolvê-los, pois pertencem ao homem por sua natureza” (Sto. Domingo, 164.165).

Porém, a exigência de uma evangelização inculturada representa o “passo a frente” da Conferência. Assim, pois, o desafio de implementar “uma evangelização inculturada” representa o aspecto típico que define Sto. Domingo. Este passo foi fruto de um processo de reflexão e trabalho não fácil, pois a equipe que redigiu

os primeiros trabalhos preparatórios da Conferência privilegiou fortemente a evangelização a partir da cultura moderna, com pouca sensibilidade para as culturas latino-americanas. O documento de trabalho se abria a várias correntes e por isso se preferiu que o tema fosse tratado sob a categoria de “cultura cristã”. A Conferência de Sto. Domingo superou estas posturas limitadas e chegou a definir claramente que a evangelização engloba o objetivo de praticar e levar adiante uma evangelização inculturada, como sinteticamente expressa:

**“O crescente empobrecimento em que estão mergulhados milhões de nossas irmãs e irmãos até a chegar aos intoleráveis extremos de miséria é o mais devastador e humilhante flagelo que a América Latina vive.”**

“Uma evangelização inculturada. É o terceiro compromisso que assumimos na perspectiva de novos métodos e expressões para viver a mensagem evangélica”<sup>12</sup>.

Isto implicou na tomada de consciência da nossa variedade cultural e, nela, a da cultura em que se desenvolve a tarefa pastoral: “América Latina e o Caribe configuram um continente multi-étnico e pluricultural” (DSD, 244). Uma evangelização inculturada predispõe à configuração e consolidação das nossas Igrejas locais latino-americanas com suas próprias características em um mesmo e único Espírito.

“A ação de Deus, através de seu Espírito, dá-se permanentemente dentro de todas as culturas. Na plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho Jesus Cristo que

<sup>12</sup> Santo Domingo, 297.

assumiu as condições sócio-culturais dos povos que se fez 'um de nós, verdadeiramente, semelhante em tudo, exceto no pecado'" (Sto Domingo 297).

Então, dadas as circunstâncias em que se desenvolveu a Conferência, não é de se estranhar que no documento se dêem significativas limitações e lacunas tais como as que destaco sinteticamente a seguir:

- O método de trabalho de Medellín e de Puebla, tão de acordo com o mistério da Encarnação, ver-julgar-agir, é perdido, e com isto a análise da realidade não pode ser trabalhada.
- Sua visão histórica é parcial, triunfalista, eclesialista.
- A teologia e a perspectiva do Reino de Deus e da Cruz de Jesus Cristo são perdidas.
- A santidade carece de perspectiva profética. Há uma ausência de uma espiritualidade encarnada-inserida-humilde. Não se menciona os milhares de mártires recentes.
- Visão parcial e sem a perspectiva do Povo de Deus no modo de focar a comunidade eclesial, que é vista a partir de uma ótica hierárquica.

A Igreja dos pobres na América Latina, que em certas ocasiões aparece tão frágil, como na renovação de alguns de seus pastores e em ocasiões tão forte, como na fidelidade até o extremo de seus mártires, viveu no conflito da Conferência de Sto. Domingo e ainda nessas circunstâncias reafirmou suas orientações e deu esse passo importante de assumir uma

evangelização inculturada. Todavia, mais que para Puebla, as circunstâncias sócio-ecliais adversas da década passada dificultaram a colocação em prática de suas opções e orientações nas nossas igrejas locais.

## **Sínodo da América (1997)**

Não é minha pretensão me deter neste importante fato eclesial da América, porém é necessário lembrar que entre a quarta Conferência de Santo Domingo e a quinta próxima em Aparecida, deu-se o Sínodo da América. Este foi convocado por João Paulo II e se realizou em Roma, em 1997. A significativa e central intenção do Papa para a sua convocação foi a de aproveitar a celebração do jubileu do segundo milênio do nascimento do Senhor Jesus Cristo para uma profunda conversão a seu Evangelho.

O Sínodo representou a ocasião para que se trabalhassem os desafios de evangelizar o continente no seu conjunto, a partir das características próprias de nossos povos e das nossas regiões. Como resultado dos trabalhos do Sínodo o Papa publicou a exortação apostólica "A Igreja na América". Destaca-se no documento, como passo à frente, a consciência e o desejo de avançar no caminho da solidariedade, para se chegar a uma Igreja solidária.

Atentos à realidade em que vivemos, os bispos reunidos na XXVIII reunião ordinária do CELAM, no ano de 2001, decidiram pedir ao Papa João Paulo II que convocasse a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que respondeu positivamente ao pedido e convocou a realização da próxima Conferência.

## Rumo à V Conferência Geral do Episcopado

Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6)

Pouco depois da morte de João Paulo II, o Papa Bento XVI confirmou a realização da V Conferência, burilou o tema e indicou que se celebrará no Santuário de Aparecida, Brasil, em maio de 2007. Como indica o documento de participação para a Conferência, nela se deseja sublinhar e renovar nosso vínculo com Jesus Cristo e o envio, a partir daí, para a missão. Para sublinhar o vigoroso despertar missionário que se espera da Conferência, há o desejo de consolidar e levar adiante por meio do envio a realizar uma Grande Missão em toda América Latina e no Caribe<sup>13</sup>.

A realidade social e eclesial e seus desafios que a V Conferência vai assumir, no início do séc. XXI é, em parte diferente, porém, em parte, não. Co-existem (na realidade latino-americana) processos e desafios novos, com outros tantos processos e desafios que continuam se arrastando, às vezes por séculos. Estamos em uma nova época cultural pós-moderna e da imagem, com um impressionante avanço da ciber-

nética e dos meios de comunicação. Ao contrário, a pobreza e as injustiças que milhões de pessoas sofrem é bem antiga e vai se agravando com novas formas de marginalização e exclusão de milhões de pessoas. Na América Latina, a desigualdade alcançou níveis históricos. A pobreza e as suas conseqüências passou para o primeiro plano até para instituições como o FMI e o Banco Mundial. Sem dúvida, no atual contexto mundial, viver a opção evangélica profética pelos pobres, aparece, cada vez mais, como um "esperar contra toda esperança".

**"... no atual contexto mundial, viver a opção evangélica profética pelos pobres, aparece, cada vez mais, como um "esperar contra toda esperança".**

Nossos bispos em Aparecida terão que refletir sobre a nova situação religiosa que vai se implantando em nosso continente. Até o início dos anos 70 mais de 90% da população da América

Latina se confessava católica. As Igrejas cristãs históricas, assim como a ortodoxa, eram uma pequena minoria. Porém, a partir dos anos 70, surgem e crescem significativamente novos movimentos religiosos, em geral ajudados pelas suas bases norte-americanas. A partir das décadas de 80 e 90 eles se expandem e adquirem presença em boa parte das cidades latino-americanas. Os seus conhecidos e, às vezes questionáveis, métodos de proselitismo dão resultados eficazes, particularmente em ambientes pouco evangelizados. No momento, o Brasil exporta não somente jogadores de fute-

<sup>13</sup> Documento de Participação, "Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe", no 7º parágrafo da Apresentação.

bol, mas também igrejas pentecostais. Com os novos movimentos religiosos, o rosto religioso latino-americano aparece mais plural, de modo que isto representa um desafio à dimensão ecumênica e macro-ecumênica das Igrejas cristãs históricas e para a Igreja Católica.

Rumo à Conferência em Aparecida: a V Conferência não levantou grande interesse nos meios de comunicação, se comparada com as anteriores de Puebla e de Santo Domingo, porém, já se está trabalhando nos diferentes âmbitos eclesiais. Há razões práticas que convidam ao ceticismo e à indiferença diante desta nova Conferência: poderá relançar, a partir da opção evangélica pelos pobres, uma evangelização profética, libertadora, integral, inculturada? Poderá a V Conferência apoiar e levar à prática de um novo modo de ser Igreja, como Igreja dos pobres, mais próxima à que Jesus queria? Terá vigor, esta Conferência, para dar novos passos como impulsionar uma profunda reforma no ministério eclesial, de maneira que milhares de comunidades tenham acesso à Eucaristia? A Conferência assumirá um compromisso claro de fazer justiça à mulher e ao seu ministério den-

tro da Igreja?... e outras questões que cada comunidade eclesial sente necessárias.

Como a história demonstra, porém, o Espírito Santo também participa. E é claro que nós também: em nossa história salvífica Deus é Emanuel, Deus conosco, ou seja, não é um Deus sem nós e por isso se justificam alguns dos nossos temores. Muitos motivos levam ao ceticismo e a temores diante da próxima Conferência. Razão maior para rezar ao Senhor para que envie abundantemente seu Espírito como recentemente experimentamos no Vaticano II, em Medellín e em Puebla. Quem esperava nos meses anteriores ao Concílio e a Medellín que surgiria, então, tal vitalidade evangélica e profética? Frequentemente afirmamos que cremos no Espírito Santo. Pessoalmente vejo poucas possibilidades para a próxima Conferência; porém isto aumenta meu interesse em assistir e participar nesse momento novo e especial da ação do Espírito na Igreja. Com a graça de Deus, esse novo capítulo da história de Deus e nós (nós e os bispos): "decidimos o Espírito Santo e nós..." (At 15,28).

**Roberto Oliveros**

é teólogo, autor de vários livros.

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 - A preparação da V Conferência do Episcopado latino-americano está suscitando interesse em sua comunidade? Porque?
- 2 - Na sua opinião, quais são os principais desafios que se colocam hoje para a missão da Igreja no continente latino-americano?
- 3 - Quais são as suas principais esperanças em relação com a Conferência de Aparecida? E os seus principais temores?

# A teoria do amadurecimento pessoal, a adolescência e a Vida Religiosa

PATRÍCIA FERREIRA DEL-FRARO  
JOSÉ DEL-FRARO FILHO

## Introdução

Um dos elementos mais importantes da contribuição de D. W. Winnicott à psicanálise é a sua teoria do amadurecimento humano. Segundo esta teoria, o ser humano pode se desenvolver através de uma tendência inata à integração e ao amadurecimento. Porém, nada se realiza sem uma provisão ambiental suficientemente boa, que estabelece com a genética um entrelaçamento complexo. A característica essencial desse ambiente facilitante é a continuidade do cuidado, ou seja, uma adaptação constante às necessidades, no princípio absolutas, do bebê. Da dependência absoluta, a mãe, através de sua identificação com o bebê, espera pelo gesto espontâneo deste e está ali para atendê-lo, ao invés de impor sua própria vontade. Isto, repetidamente realizado, fornece a ilusão de onipotência ao bebê, ou seja, ele não precisa reagir às invasões do ambiente, pode criá-lo. Aos poucos, a mãe percebe quando precisa sair de cena, ao sentir que seu bebê pode gradualmente aceitar a introdução de elementos da realidade. O bebê já pode se relacionar com objetos fora de seu controle mágico e reconhecer que os objetos não são parte dele. A dependência se torna relativa e a criança, se tudo correr bem, atinge a adolescência e pode vivenciá-la, rumo à independência, que nunca é completa. No

entanto, esse cuidado não é isento de falhas, nada tem de perfeição. São essas falhas que constituem a qualidade do cuidado: o ambiente pode frustrar, mas não decepcionar a criança. A mãe tenta corrigir suas falhas e é essa tentativa que propiciará a segurança no bebê de que é amado e de que pode confiar, fortalecendo seu ego, auxiliando-o no lidar com as complicações instintivas, impedindo o estabelecimento do padrão de reagir ao imprevisível.

O adolescente repete a batalha do bebê: tornar-se apto a se relacionar com objetos fora de seu controle mágico, reconhecendo objetos que não são parte dele. A relação de objeto do adolescente, segundo Winnicott, é essencialmente subjetiva. Nesse sentido, como o bebê, nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional primitivo, o adolescente é um isolado. O presente trabalho pretende abordar, de forma sucinta, como este autor desenvolve o tema da adolescência em alguns de seus artigos. Parte-se da colocação de algumas características da adolescência, como a necessidade de estabelecimento de identidade. Aponta-se o rearranjo psíquico na adolescência como acomodar-se das experiências infantis, tendo como desafio o lidar com as mudanças corporais e instintuais complicadas pelas fantasias sexuais de tomar o lugar do genitor do sexo oposto. A luta dos adolescentes con-

centra-se em descobrir-se em seus elementos destrutivos e amorosos. Discute-se algumas características da sexualidade do adolescente, bem como de suas fantasias agressivas. A imaturidade desse período é considerada como germe das mudanças da sociedade, e é enfatizada como algo necessário, que só o tempo pode curar. Algumas peculiaridades do adolescente como a luta para sentirem-se reais e a recusa de falsas soluções são discutidas como elementos a mais no desafio que o adolescente oferece a seus pais. Estes últimos precisam, como a mãe suficientemente boa, manterem-se intactos e oferecer continência sem retaliação, fornecendo a realidade através desse ato. Já finalizando, apresenta-se a dificuldade em distinguir o que é normal e o que é doença nessa fase do desenvolvimento, bem como é pincelado um dos temas mais criativos da obra de Winnicott, a tendência anti-social, que está presente na adolescência normal em forma potencial.

## **Características da adolescência**

A adolescência para Winnicott é uma fase de crescimento normal que compreende a puberdade e suas inerentes mudanças sexuais, bem como a busca do adolescente em tornar-se adulto. Inclui a socialização, o que não significa adaptação ou conformidade. O indivíduo maduro é

**A adolescência para Winnicott é uma fase de crescimento normal que compreende a puberdade e suas inerentes mudanças sexuais, bem como a busca do adolescente em tornar-se adulto.**

---

capaz de se identificar com as figuras parentais e com alguns aspectos da sociedade sem submeter-se ou prejudicar sua singularidade. Normalmente assume a responsabilidade de manter ou alterar o que a geração anterior deixou. Mas, inevitavelmente, transmitirá seu legado à geração seguinte (Winnicott, 1983).

Trata-se de um período de descoberta pessoal e do empenho em uma experiência vital para o jovem: o estabelecimento de sua identidade. Geralmente há um quadro confuso, em que ocorre a oscilação entre dependência e ar-

rrogância em relação aos pais e à sociedade. A espera pelas mudanças da puberdade exerce uma pressão sobre todos os adolescentes. Eles dependem do processo inato de crescimento, e, nesse sentido, são passivos. O adolescente ainda tem à disposição as técnicas dos adultos. A menina que antes sonhava em ter o bebê da mãe, agora pode engravidar ou prostituir-se. O menino que sonhava em matar o pai, agora pode fazê-lo. Podem se suicidar. Sendo um estado de pré-potência o adolescente precisa conter-se como nunca antes precisou. "A adolescência chegou para ficar, e com ela, a violência e o sexo que lhe são inerentes" (Winnicott, 1999 p. 169).

## ***Rearranjo psíquico na adolescência***

O modo como o adolescente enfrenta as mudanças da puberdade e lida com as

ansiedades decorrentes das mesmas, baseia-se no padrão organizado desde os primeiros tempos da infância. Esse padrão é em boa parte inconsciente e também marcado por aquilo que a criança não viveu. Assim, os sucessos e fracassos do bebê e da criança em lidar com seus sentimentos retornam para acomodar-se. Em seu texto de 1963, Winnicott, afirma que nessa fase, os que foram bem cuidados e eram saudáveis desenvolveram o Complexo de Édipo, a capacidade de enfrentar as relações triangulares aceitando a força total da capacidade de amar e as complicações que daí surgem. Assim, a criança saudável chega à adolescência já com um método para atender aos novos sentimentos, tolerar situações de apuro e rechaçar situações que envolvam ansiedades intoleráveis (Winnicott, 1999). Porém, em outro texto de 1968, ele afirma que é exatamente em função dos elementos positivos da educação moderna, que privilegia os direitos individuais, que se encontra o desafio da adolescência. Se os pais fizeram o que puderam para promover o crescimento emocional de seus filhos, terão resultados surpreendentes. Os filhos tentarão descobrir-se e isso implica em descobrir a agressividade e elementos destrutivos neles mesmos, bem como elementos amorosos. Ou seja, o fato dos pais terem fornecido um bom início, não implica ausência de problemas. Há uma longa luta na qual os pais precisam sobreviver. "Os pais terão sorte se, com sua ajuda a alguns dos seus filhos, lhes permitir o pronto uso de símbolos e o brincar, o sonhar, ser criativo de maneiras satisfatórias; mesmo assim, a estrada que leva até aí é pedregosa" (Winnicott, 1975 p. 194).

Na fantasia inconsciente, crescer é um ato inerentemente agressivo, porque significa ocupar o lugar do genitor. Winnicott considera valioso comparar as idéias adolescentes com as da infância. Se na infância a criança deparava com as fantasias de morte, na adolescência elas se complicam pelas fantasias de assassinato. Sendo assim, a pressão que ele considera mais difícil é a fantasia sexual inconsciente associada à escolha objetal.

### ***Sexualidade na adolescência***

O adolescente ignora, em parte, se sua identidade sexual é hetero ou homossexual.

Winnicott aponta que a masturbação excessiva e as relações homo ou heterossexuais podem funcionar apenas para resolver um problema fisiológico, livrar-se da tensão sexual, o que pode perturbar o adolescente por sua falta de sentido. As experiências sexuais dos adolescentes costumam ser coloridas pelo fenômeno de isolamento e pela necessidade de associação por interesses mútuos. O adolescente pode desprezar o sexo porque, com sua intolerância às soluções falsas, sabe que fazê-lo não implica que tenha atingido a maturidade sexual. E apesar da exploração sexual liberada, especialmente pelo desenvolvimento dos métodos anticoncepcionais, há angústia e culpa nos adolescentes, que não são liberados das implicações inconscientes desses relacionamentos. No inconsciente, o adolescente sabe que ainda não apresenta condições psicológicas suficientes para sustentar todas as vicissitudes que uma vida madura a dois exige.

## **Agressividade**

Os impulsos agressivos do rapaz são vivenciados de uma forma violenta, porque além da mudança sexual, há o incremento da força real, um perigo que dá novo significado à violência. A idéia da paz permanente faz uma pressão severa e traz uma ameaça de despersonalização no rapaz, porque não há maturidade suficiente para que ele se responsabilize por suas fantasias agressivas (Winnicott, 1983). Por isso, o ódio e destrutividade externos (seja através de guerras, ou brigas) possibilitam que sua paranóia permaneça potencial, oferecendo sentido de realidade e alívio para tensões. Assim, o adolescente possui uma susceptibilidade extrema à agressão que pode se manifestar na forma de suicídio (aceitação patológica da responsabilidade de todo o mal que existe) ou através de uma busca por perseguição.

A culpa latente no adolescente é terrível. Anos são necessários para desenvolver a capacidade de descobrir no self o equilíbrio entre bem e o mal, o ódio e a destruição que acompanham o amor. Na fantasia inconsciente essas questões são de vida ou morte: tornar-se indivíduo e desfrutar de experiência de autonomia é algo inerentemente violento. Identificar-se com a sociedade e lugar de adulto traz a ameaça de extinção pessoal (Winnicott, 1975 p.200).

## **Imaturidade da Adolescência**

O adolescente é imaturo e Winnicott considera a imaturidade um elemento essencial da saúde na adolescência, porque

ela contém o germe do pensamento criador, novos sentimentos e idéias que abalam a sociedade pelas aspirações não responsáveis. Ele considera essa não responsabilidade do adolescente como seu elemento mais sagrado. Como ainda não se familiarizou à desilusão, está livre para construir seus planos ideais.

A imaturidade tem uma breve duração e é uma propriedade que tem de ser perdida, quando a maturidade é alcançada. Através da imaturidade, o adolescente pode tolerar ignorar seu próprio destino, inventando algo para lidar com aqui e agora, enquanto espera se tornar uma unidade (Winnicott, 1975).

Só há uma cura para a adolescência, segundo Winnicott: a passagem do tempo e o crescimento que ela traz. Winnicott utiliza as expressões "tédios de adolescente" ou "área de depressão" para descrever os poucos anos em que o jovem, sentindo-se inútil, não tem outra saída a não ser esperar, e fazê-lo sem ter consciência do que está acontecendo (Winnicott, 1983 p. 219).

## **A luta para sentir-se real e o horror às falsas soluções**

O adolescente não aceita falsas soluções. Tem uma moralidade feroz e está empenhado em descobrir seu próprio eu para que possa lhe ser fiel e existir como unidade. Rejeita também as conciliações e não está apto a aceitar meio-termos ou concessões mútuas. Como, por exemplo, uma identificação com os pais e maturidade prematura em termos de sexo, ou ainda uma transferência de violência para exercício físico ou das funções corporais para o estudo.

Pela fase que atravessamos, os tais jovens ainda não apresentam capacidade reparatória ou de construção suficientemente desenvolvidas e não estão aptos a perceber o quanto o trabalho ajuda a diminuir a culpa, o medo interno, o grau suicida e a propensão a acidentes.

O papel do ambiente facilitante na adolescência é tão importante quanto na primeira infância. O papel dos pais é se oferecer para serem usados. Como o bebê usa a mãe e não a reconhece, nem sequer pensa em seu ponto de vista, o adolescente reivindica a contenção dos pais, testando-os, exaurindo-os. Provocam o antagonismo dos pais para se sentirem reais. Ou então precisam deles somente para descartá-los e preferir a companhia de tios ou amigos. Winnicott aponta que a rebelião é própria da liberdade dada aos filhos pelos pais que insistem em

cultivar o desenvolvimento emocional de seus filhos, sabendo que eles existem por seu próprio direito. Por isso mesmo, no contexto em que a dependência é satisfeita, espera-se o desafio que busca a segurança de poder confiar nos seus pais. "Semeamos um bebê e colhemos uma explosão" (Winnicott, 1999 p. 196).

Assustados com os impulsos sentidos como ameaçadores, porque passíveis de serem concretizados, os adolescentes desejam saber se controles externos ainda existem, bem como provar que são capazes de derrubar esses controles e de se estabelecer como pessoas capazes de vontade própria (Winnicott, 1999).

**A imaturidade  
tem uma breve duração  
e é uma propriedade  
que tem de ser perdida,  
quando a maturidade  
é alcançada.**

As disciplinas devem ser proporcionadas por pessoas que possam ser amadas e odiadas, desafiadas ou de que se dependa. Os pais oferecem confronto mantendo-se firmes, reivindicando o direito de ter seu ponto de vista pessoal. Através desse ato, fornecem realidade para o adolescente. Esse confronto precisa apresentar vivacidade. Não é retaliação e nem vingança. Muito menos sentimentalismo de aceitar que eles façam tudo porque são adolescentes. O sentimentalismo é terrível porque consiste numa negação da agressividade. Com o tempo e o amadurecimento, se os adultos sobreviverem, o controle externo converte-se em autocontrole.

Os pais podem sentir inveja e ameaça porque seus filhos adolescentes foram capazes de ter sua fase de turbulência e depressão. Podem ainda ter inveja da possessão infinita da adolescência. O adulto costuma se ressentir porque está descobrindo limitações do real em sua existência. Alguns querem descobrir uma solução ou cura para o que em última instância é saudável.

No entanto, Winnicott afirma que a atitude da família geralmente restringe as atuações dos adolescentes. E que as recompensas para os pais serão de forma indireta. Podem, por exemplo, perceber a riqueza gradativa do potencial de seus filhos. Mas não precisam esperar pelo agradecimento.

Se o adulto abdica do confronto com o adolescente, há a perda dos esforços

imaginativos da imaturidade. A rebelião passa a não fazer mais sentido porque é perdida a liberdade de ter idéias e de agir por impulso. Vencendo cedo demais, o adolescente vê-se apanhado em sua própria armadilha. Como um ditador, assume o controle externo de si mesmo e dos outros.

O verdadeiro crescimento conduz a criança ou o adolescente no rumo da aquisição de um sentimento adulto de responsabilidade pelo fornecimento de condições seguras para as crianças da próxima geração.

### ***Doença durante a adolescência***

O processo de amadurecimento na adolescência não pode ser acelerado, mas pode ser interrompido e destruído. Ou pode ainda definir se existir doença psiquiátrica. Winnicott discute como é difícil separar o que é normal do que é doença na adolescência, porque a essa fase altera a forma da doença psiquiátrica. Ocorre também nesse período, todo tipo de doença e sobreposições.

### ***Tendência Anti-Social***

A tendência anti-social não deve ser classificada junto com as neuroses, distúrbios afetivos ou esquizofrenia. Pode levar o adolescente à delinquência, ao se tornar uma compulsão inútil. É um distúrbio que se relaciona facilmente com distúrbios que são inerentes à síndrome do crescimento adolescente. A diferença está mais na origem que na sintomatologia: na origem da conduta anti-social está uma privação, ou seja, a criança busca levar

o mundo a reconhecer sua dívida para com ela. Houve um momento de acolhimento por parte do ambiente que foi suficientemente bom, porém a continuidade foi interrompida por uma falha que não foi reconhecida ou corrigida a tempo, por exemplo, a depressão da mãe, e tudo se alterou. O adolescente tenta reconstituir o quadro de referência que se desmantelou. Há uma esperança de se retomar uma reivindicação legítima endereçada a um dos pais (Winnicott, 1999).

Na adolescência saudável será que também há privação? Winnicott diz que não é possível afirmar isso, a não ser de uma forma difusa. Há, mas não de uma forma suficientemente forte para sobrecarregar as defesas e levar às atuações. Porém, no grupo que o adolescente encontra para se identificar, membros extremos atuam pelo grupo todo. A conduta anti-social tem que estar contida neste grupo. A atuação de alguém do grupo faz com que os outros participem para se sentirem reais e, temporariamente, o grupo tem uma estrutura coesa. Todos apoiarão quem cometeu o ato, apesar de não aprovar o que ele fez. Esse princípio se aplica ao uso de outros tipos de doenças, como por exemplo, o suicídio.

Porém existe, segundo Winnicott um elemento positivo dos atos anti-sociais que é concreto em alguns adolescentes e potencial em quase todos. Este ato anti-social consiste numa tentativa de reativar um domínio firme, o qual na história do indivíduo se perdeu num estágio de dependência infantil. Sem esse domínio firme uma criança é incapaz de descobrir o impulso, e só o impulso que é encontrado e assimilado é passível de auto-controle e socialização.

# I. As Vocações e a Adolescência

Muitas vocações para a Vida Religiosa são desabrochadas na adolescência. Nos dias de hoje, alguns estudiosos afirmam que ela pode chegar por volta dos 30 anos. Um dos principais motivos é de origem psicológica e cultural: a atual ditadura da eterna juventude do adulto, o medo de envelhecer. Caso os pais reconheçam o filho como adulto, há automaticamente o penoso reconhecimento de seu encaminhamento para a velhice. O idoso é pouco reconhecido e valorizado no mundo ocidental pós-moderno. A morte, imaginada como finitude absoluta, se tornou sinônimo de violentas angústias. Além disso, alguns pais desfrutaram, através dos filhos, a adolescência que eles não puderam viver. Outros casais não se relacionam bem e inconscientemente dificultam a transição do adolescente para a vida adulta, pois ele (a) é a pessoa que, de alguma forma, "segura" a relação!

A vida adulta para muitos, inconscientemente é encarada apenas como fase de deveres, responsabilidades pesadas, ameaça de sucumbir na função de pai ou mãe, cônjuge ou de não conseguir se estabelecer profissionalmente. Ser adulto equipara-se a correr incessantemente, "matar um leão a cada dia", sustentar afetiva e financeiramente crianças e adolescentes... O cantor Renato Russo, em uma de suas músicas, nos dá uma dica da dificuldade emocional de alguns adolescentes: "Você culpa seus pais por tudo. Isso é absurdo. São crianças como você. O que você vai ser, quando você crescer." O menino ou a menina que existe no ado-

lescente precisa ser integrado (a) para que a adolescência – já difícil por si – possa se direcionar à vida adulta.

# II. Os formadores(as) e a Adolescência

A fase da adolescência é caracterizada por vivências fundamentais que os formadores (as) precisam se inteirar: as tendências agressivas e os impulsos sexuais se afloram como nunca, gerando uma instabilidade, até certo ponto, sadia. Há paixões, arroubos que visam balançar as estruturas sociais, buscas de consolidação da identidade sexual. Há a procura legítima e fundamental de "sentir-se vivo e real". Essa busca se relaciona ao mundo subjetivo, onde o adolescente se vê mergulhado. Há sentimentos de inutilidade e vivências "depressivas". Eles(as) não são crianças e muito menos adultos, porém transitam entre esses dois mundos, no paradoxo de não pertencer a nenhum dos dois. "O adolescente é um isolado" e por isso necessita tanto de um grupo, de outros adolescentes que conferem sentimento de pertença. Os pais ou substitutos são destituídos do "poder" que tinham sobre eles (as) quando crianças, mas o adolescente precisa da continuidade do cuidado deles, para se chegar à vida adulta. Mesmo assim, só o tempo, "o senhor dos sábios", auxiliará a tendência ao amadurecimento pessoal. **O adolescente sadio e bem estruturado na infância, incomoda, questiona, revela sua fase de instabilidade emocional e testa o amor do adulto.** Em sua irreverência e insegurança, precisa entrar no "admirável mundo novo" do adulto, porém deseja esse

ingresso, sem pagar o preço de perder sua singularidade. A submissão, "as soluções fáceis", hipócritas e o amadurecimento precoce seriam seu atestado de óbito às aspirações de autenticidade e realidade.

Os pais, os formadores (as) religiosos (as), os professores (as) deveriam saber lidar com características inerentes e essenciais a essa fase. Não se deve cobrar tanto ou exigir aquilo que o adolescente não pode ser ou dar. O adolescente "muito bem comportado" é um adaptado, um formado, não espontâneo, não criativo, submisso... E, mergulhado nesse ambiente desfavorável, pode implodir ou explodir, pois continuará imaturo e desintegrado. Alguns adolescentes, muito brilhantes, podem usar do intelecto para se adaptar ao ambiente. Porém, suas necessidades afetivas não atendidas, os impedem de acompanhar o desenvolvimento intelectual alcançado. São grandes cabeças com o psicossoma "pequeno" ou seja: pouco integrado. Porém, obviamente nem todo adolescente inteligente é pouco integrado emocionalmente.

### **III. Sexualidade, Agressividade, Adolescência e o Papel do Adulto**

**Os impulsos, as sensações e as fantasias ligadas à sexualidade genital e à agressividade fazem parte do amadu-**

**Os impulsos,  
as sensações  
e as fantasias ligadas  
à sexualidade  
genital e à  
agressividade  
fazem parte do  
amadurecimento  
saudável.**

---

**recimento saudável.** É necessário que o adolescente possa vivenciá-los, mas isso não significa atuá-los na realidade concreta. **O eu, para se sentir vivo e real e integrar esses impulsos, precisa experimentá-los como vindos de dentro.** Parte dessas fantasias – desejos incestuosos pelo progenitor do sexo oposto e ou do mesmo sexo e desejo de morte do (a) rival – permanecerão inconscientes e

pressionarão o (a) jovem. **O papel dos pais, professores e formadores é fundamental. Eles vão permitir a expressão indireta dessas fantasias, sobreviverão aos ataques, colocarão limites sem autoritarismo e fornecerão "doses" de realidade a eles (as).** Porém, essa mistura espontânea de

ternura e vigor não é fácil. Ela remete à história pregressa pessoal de cada adulto, como foi sua adolescência, como se desenrolou sua relação com os pais e outros adolescentes... **Esperar que ele (a) fale sobre esses temas a seu modo e no seu ritmo, colocar-se à disposição e ser um bom modelo de identificação são os ingredientes adequados ao amadurecimento. O adulto não deve perder sua identidade, seus balizamentos éticos e ceder às possíveis pressões abusivas de alguns adolescentes.**

É preciso paciência e amor. Seria infrutífero e danoso tentar solucionar características legítimas e saudáveis dessa faixa etária. Corre-se o risco de invadir, traumatizar, seqüelar a espontaneidade adolescente. O confronto, a exigência de

conversas sobre o que se passa no íntimo de suas vidas, a atitude policialesca e a dominação são, no mínimo, formas de aumentar a implacável moralidade inconsciente, já existente nos adolescentes. Eles (as) podem negar essa moralidade e fazer exatamente o oposto ou por medo se submeterem ao autoritarismo. Ambos os caminhos são nocivos a eles (as), às famílias, escolas e congregações..

#### **IV. Saúde e Patologia na Adolescência**

Mas como distinguir traços saudáveis do que é distúrbio e patologia, nessa faixa etária?

A distinção não é tarefa fácil.

Aqueles que não apresentam a maioria das características apresentadas acima, inerentes ao amadurecimento, são candidatos ou já apresentam distúrbios psíquicos. Outros sinalizadores são: rigidez afetiva, perfeccionismo, obsessividade, graves falhas de caráter, mentiras compulsivas e forte dificuldade de convivência grupal. Quanto à tendência anti-social, os pais, professores e formadores religiosos necessitam atenção às condutas francamente delinquentes de algum membro do grupo. Esse elemento patológico tem um grande poder de influenciar os outros. Geralmente, é um líder dominador e "apesar dos outros não aprovarem o que ele fez, apoiarão quem cometeu o ato." O adolescente pelo medo do isolamento aumentar e por não habitar o mundo infantil e o mundo adulto, processualmente, pode se identificar a essa pessoa. Ele(a) se engaja nesses comportamentos para não se sentir excluído do grupo e

assim fortalece suas tendências anti-sociais e anti-comunitárias.

O distúrbio depressivo aumenta a cada dia nessa faixa etária. Humor depressivo a maior parte do dia, desvitalização, perda do prazer para atividades anteriormente vivenciadas como agradáveis, desânimo ou agitação psicomotora, distúrbio no sono ou na cognição, fortes ansiedades e problemas psicossomáticos, quando em conjunto, são fortes indícios de patologia depressiva. Esses sintomas necessitam perdurar, no mínimo, duas semanas. É comum histórico na família dessa doença, em parentes de primeiro grau. A depressão precisa ser diagnosticada e tratada com psicoterapia e quando grave, ser utilizado o recurso da medicação. Caso contrário, a tendência é o distúrbio se cronificar e causar sérios danos ao futuro da pessoa. Cerca de 80% dos suicídios registrados foram cometidos por pessoas deprimidas.

Não se pode esquecer: há traços no adolescente saudável que aparecem em todos os distúrbios psíquicos, porém o adolescente que vai bem não apresenta um conjunto de sinais e sintomas que sejam patológicos. Ao contrário: sua busca por se sentir vivo, real e singular, caso encontre suporte em um bom ambiente, o encaminhará às experiências do mundo adulto. Eles (as) poderão assumir não apenas sua cota de responsabilidade, mas ajudar a reconstruir nosso mundo, criativamente.

#### **Conclusão**

Neste trabalho foram apresentadas algumas idéias de Winnicott sobre a adolescência e sua relação com o desenvolvi-

mento emocional primitivo. A novidade desse autor consiste em apresentar a importância da continuidade do ambiente facilitante também na adolescência, no sentido de sobreviver e “fazer-se usado” pelo jovem em processo de conquista de autonomia e identidade. O isolamento típico desse período coincide com a fase de depressão, em que, paradoxalmente, a vida imaginativa é enriquecida através dos desafios oferecidos aos pais e à sociedade. Foi abordada a questão da dificuldade do diagnóstico de transtornos psíquicos na adolescência, em função da especificidade desse período, bem como uma breve discussão de como as experiências anti-sociais, latentes ou atuadas, podem ser inerentes ao processo adolescente. Fica a pergunta que Winnicott deixou: terá a sociedade atual saúde para conduzir a adolescência? (Winnicott, 1999).

Alguns pais, formadores e professores, por desconhecimento ou limitações psíquicas, não proporcionam a facilitação para que essa turbulenta fase possa ser ultrapassada com sucesso. Nesses casos, o adolescente sairá decepcionado com os

próprios adultos e consigo mesmo. O mundo adulto se tornará um ideal pouco possível de ser atingido. As chances dele (a) construir uma família bem estruturada e uma sociedade melhor estarão enfraquecidas. Na vida religiosa, o que era entusiasmo pode passar a ser repúdio e uma desconstrução da dimensão espiritual pode sobrevir. Os formadores (as) e os religiosos precisam estar cientes da teoria do amadurecimento do adolescente para que, como família substituta, possam facilitar esse difícil e longo e por que não, belo processo. Após a tempestade pode ocorrer a bonança!

**Patrícia Ferreira Del-Fraro**

- Psicóloga e Psicanalista.

**José Del-Fraro Filho**

- Médico, Psiquiatra e Psicanalista.

Membro da Pastoral da Criança - BH/MG e do

Instituto Terapêutico Acolher (ITA) - SP.

Coordenador da Clínica CRER - MG (Clínica de atendimento a religiosos em Minas Gerais)

**Endereço dos autores:**

Rua Gonçalves Dias, 1763 apto. 1301

Bairro Lourdes

301401-092 Belo Horizonte - MG

clinicafraro@planetarium.com.br

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 - Que fazer para que a preocupação com a questão do amadurecimento pessoal ganhe espaço nas comunidades, sobretudo nas casas de formação?
- 2 - Como as comunidades podem colaborar com os formadores no seu difícil papel de acompanhar com lucidez e sensibilidade o processo de amadurecimento dos formandos(as)?
- 3 - Você conhece experiências interessantes nessa linha? Partilhe com a comunidade.

# Paixão por Cristo, paixão pela humanidade

## Discernindo o presente na busca de um futuro para a Vida Religiosa

ELOÍSA MARIA BRACERAS GAGO, OP

*A Vida Religiosa está chamada a manifestar a paixão pelo Deus do Reino e pelo Reino de Deus (...) A desilusão e a rotina não podem ter cabimento nela (...) A compreensão e a vivência de identidade, de comunidade e de missão da Vida Religiosa se viram convulsionadas a partir [do Vaticano II]. Isto tem exigido dos religiosos um trabalho de análise, discernimento e de conversão<sup>1</sup>.*

Partilhando esta idéia, o presente artigo toma para si o objetivo geral do Congresso Internacional de Vida Consagrada celebrado em Roma em novembro de 2004, e se deixa inspirar pela sua dinâmica. Dado que "A VC é vista vivendo um período de transformação profunda e de transição em vista de um outro modo de ser e de agir"<sup>2</sup>, o refletido no citado evento será tomado como luz que ilumine a seguinte questão: *o que o Espírito nos fala e para onde nos conduz através das transformações que a VC experimenta no nosso tempo?*

**A Vida Religiosa  
está chamada  
a manifestar  
a paixão pelo  
Deus do Reino  
e pelo Reino de Deus  
(...)**

O **Objetivo** do Congresso não é diferente: «Discernir o que o Espírito de Deus está fazendo surgir entre nós, para responder aos desafios de nosso tempo e construir o Reino de Deus»<sup>3</sup>. Apesar do limitado da presente reflexão, o percurso que seguirá é paralelo ao de seu evento inspirador: com base em elementos fundamentais da VC (*testemunho, profecia e esperança*, lema utilizado pela CRB no seu jubileu do ano 2005) e iluminado pela Palavra, tentará analisar o que hoje é lastro do passado que devemos abandonar e onde está o horizonte de futuro para onde caminhar.

O imenso trabalho de síntese necessário para articular a larga e profunda reflexão, e ainda feito por religiosos e religiosas de culturas, idades, funções e carismas diferentes, deu numerosos frutos, se bem há quem opine que o resultado foi confuso e inconcluso, as intervenções livres fragmentadas e a profundidade teológica curta. Com tudo, não é este o lugar de

<sup>1</sup> PEINADO, J. V. *Pasión por el Reino*, Madrid: PCL, 1992, p. 7.

<sup>2</sup> Palavras da comissão organizadora, in CIVC: *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*, São Paulo: Paulinas, 2005, p.11.

<sup>3</sup> Documento de trabalho, n. 4, in *Paixão por Cristo, paixão pela humanidade*, São Paulo: Paulinas, 2005, p.11.

elaborar uma crítica, nem o nosso objetivo, e sim percorrer, junto com o congresso, um caminho que aprofunde e dê luzes à nossa pergunta inicial: por onde vai o futuro da VC?

## O nosso contexto

«A VR tem vocação de sinal histórico. Por isso, a situação em que tem que se desenvolver a vida dos religiosos não é indiferente para a compreensão da identidade e da missão da VR»<sup>4</sup>. Com efeito, nada podemos dizer da VC sem falar antes, mesmo que brevemente, do contexto em que ela está: o séc. XXI. Para facilitar o comentário o dividiremos em três instâncias fundamentais:

a) **Histórico-sócio-cultural:** vivemos uma *pós-modernidade globalizadora*, a um tempo senhora e freguesa dos meios de comunicação de massa, especialmente internauticos. No entanto, somos conscientes também desta rede não englobar todo o mundo, de maneira que cada vez a distância entre os que estão dentro, os que são virtualmente induzidos a “crer que estão” -sem está-lo-, e os que ficam definitivamente fora de qualquer possibilidade de ser cada vez maior, até o ponto de, num só globo, existir mundos diferentes. Se assim é a nível mundial, esse paradoxo está presente também em outras instâncias.

«Vivemos na impressão de que o espaço não existe, e ao mesmo tempo nunca estivemos tão separados uns dos outros,

em níveis de justiça e emocionais. As comunidades se formam de maneira homogênea (...) ao tempo que se exalta a subjetividade»<sup>5</sup>. Subjetividade e necessidade de segurança formam os dois pólos de uma situação que envolve o homem e a sociedade e lhes dá umas características que, salvando a abissal desigualdade estrutural já comentada, podem ser agrupadas numa série de traços paradoxais entre si:

- *Uniformidade mundial x desintegração regional.* Organismos políticos e multinacionais têm poder internacional, enquanto os Estados perdem o controle sobre os territórios por causas étnicas, nacionalistas ou comerciais.
- *Fenômenos migratórios x pequenos nacionalismos.* Os primeiros ocasionam trasvasar de grande número de pessoas a territórios totalmente diferentes dos de origem; o segundo reforça o sentimento de pertença e exclusividade.
- *Economia injusta x novas formas de solidariedade.* As segundas não são capazes de neutralizar os efeitos gritantes da primeira, mas são sintomáticas de uma mentalidade crítica e ativa.
- *Crise ecológica x mentalidade protecionista.* Conseqüência de um desenvolvimento técnico ou industrial pouco ou mal planejado, a reação vem na linha da “*solidariedade com a criação*”.

<sup>4</sup> PEINADO, op. cit, p. 9.

<sup>5</sup> T. Radcliffe. A VR depois do 11 de setembro. Que sinais podemos apresentar?, in *Paixão por Cristo...* pp. 315ss.

- *Perda de consciência histórica e ética, imediatismo e valor do quotidiano.* Este seja talvez um dos traços mais significativos da pós-modernidade a pequena escala. Configura a vida do indivíduo através de momentos e felicidades (prazeres) a curto prazo.
- *Queda das utopias e instituições x ONGs e ideais.* A perda de credibilidade das primeiras não impede a proliferação das segundas, em coerência com o desprestígio de políticas estaduais e a já citada "globalização da solidariedade".
- *Medo da responsabilidade e liberdade. Falsa imagem de individualismo x escravidão do marketing e a informação direcionada.* A avalanche de comunicação faz o indivíduo entrar numa "pseudo-liberdade de escolha", que muitas das vezes pode estar evitando a tomada de decisões definitivas.
- *Nihilismo x busca de sentido.* Apesar do contexto neoliberal e mediático, a sede profunda da pessoa leva-a a buscar, mesmo que seja no fechamento intimista e espiritualidades subjetivas. O próprio narcisismo pode ser considerado uma face desta busca.

Pode ser interessante olhar para as gerações novas, e ver nelas a exemplificação destas características, com níveis de subjetividade, imediatismo e quotidianidade acentuados. Talvez seja isto o que leve a

realizar uma afirmação como esta: «Na nova cultura, os institutos não serão sinais de nada, ou sinais negativos. Sinais serão as pessoas, muitas das vezes apesar do instituto»<sup>6</sup>.

**b) *Eclesial:*** a Igreja pode ser considerada o protótipo de instituição falida do ponto de vista humano. Os erros cometidos no passado, e reconhecidos no presente para assumir positivamente sua própria fragilidade, parecem dificultar ainda mais sua credibilidade, por uma parte pelo fato de ser instituição, e por outra porque assim como errou pode voltar a fazê-lo.

O Vaticano II advogou por uma *eclesiologia de comunhão*. Esta linha teológica foi apoiada, e é valorizada atualmente, não só pela VC. Esta quer ser dom para a Igreja e recebê-la também como dom, é consciente da necessidade de estreitar laços com a Igreja universal e local, harmonizando seus planos pastorais e facilitando o diálogo com a hierarquia. A necessidade desta comunhão é também penhorada pelo crescimento dos movimentos e iniciativas ecumênicas. No entanto, alguns autores vêem um impasse na realidade eclesial atual, numa espécie de "involução eclesial" marcada pelas seguintes características:

- perda de membros lúcidos e compromissados;
- perda do sentido de compaixão;
- marcado risco de sacralização;
- divisão entre grupos fundamentalistas extremos, incapazes do diálogo;

<sup>6</sup> J.Comblin. Os interrogantes da Vida Religiosa no séc. XXI, in *Convergência* vol. 39, n. 370, pp. 76-95, março/2004.

- uso do poder coercitivo como meio de controle, talvez não conscientemente, mas como marca da modernidade. Parece que sua direção integrista quisesse levantar um muro para separá-la do mundo, porque «nas crises, o mais fácil é entregar-se a uma ditadura salvadora»<sup>7</sup>.
- A VC sofre de certo desinteresse eclesial pelos carismas e desconfiança ante seus modelos de obediência e discernimento. Assim foi em certa medida interpretada a ausência de última hora de João Paulo II, cujo compromisso com o congresso estava marcado, e também a de representantes da CIVCSVA, perdendo a grande oportunidade de conhecer mais de perto o que a VC é e sonha neste momento.

Confia-se ainda no dia em que a *eclesiologia de comunhão*, firmemente proposta no Vaticano II se faça realidade, numa sociedade que, sedenta de uma espiritualidade que não sabe buscar, precisa mais que nunca de um autêntico Povo de Deus.

**c) A VC "como contexto":** como "sinal histórico" que a VC é, e vendo o lugar e tempo em que se situa, só pode estar marcada por sinais contraditórios, cansaço e medo, perante o crescente esforço e

**Com suas  
incoerências, temos  
que reconhecer  
que a VC pode  
ser sinal  
profundamente  
evangélico ou  
escandalosamente  
anti-evangélico.**

---

desejo por discernir marcas de novidade. Pode chegar-se ao extremo da VC não ser compatível com os institutos que a configuram. Com efeito, a crise não parece afetar tão só à sua periferia, mas à própria compreensão histórica de sua identidade e, conseqüentemente, o modo de vivê-la. Como em toda crise, a falta de perspectiva histórica impede medi-la com exatidão, e facilmente pode chegar a ter, a nossos olhos, uma dimensão diferente da real. Talvez o principal problema seja a falta de definição de situação, devido à ambivalência dos valores modernos e

pós-modernos que convivem na nossa sociedade. Podemos ressaltar alguns dos seus sinais:

- as obras são *ainda* fonte de prestígio, mas ocasionam *já* sérios problemas;
- no Norte a VC *já* perde o fôlego; no Sul está cheia de ideais, mas não adota *ainda* modelos inculturados;
- sofre um autêntico "cisma branco": as novas gerações *aceitam sim* as formas, motivações e normas congregacionais, mas *não sempre* as vivem;
- muitas vezes a formação é *ainda* uniformizada, mas já se expressa em formato pós-moderno;
- aparente atualização *já* disfarça certo aburguesamento *ainda*.

Com suas incoerências, temos que reconhecer que a VC pode ser sinal profun-

<sup>7</sup> J. Comblin, op. cit, p.77.

damente evangélico ou escandalosamente anti-evangélico. Chama-se-nos à conversão, a não deixar-nos arrastar pelo “profissionalismo” do divino. Desolada, mas vitalizada; não podemos deixar que a mera análise social nos engane: longe da morte, o olhar de fé nos manifesta a presença ativa de Deus nos nossos limites e fraquezas.

Para fazer o caminho de discernimento o congresso apoiou-se numa fundamentação bíblico-teológica, através dos ícones e os significados que eles nos dão, e os valores permanentes da *profecia e a esperança*.

## 1. Fundamentação Bíblico-Teológica

### 1.1. Os Ícones

**Testemunho:** o método com que os ícones foram apresentados, mais simbólico e metafórico que exegético ou técnico, abriu grandes possibilidades. Com seus acertos e falhas, eles convidaram à experiência de encontro com um “*Deus Alternativo*”, que se apresenta diante de quem não tem – mulher –, não sabe – escreba – e não pode – ferido –, e em lugar de dar o que o outro deseja – água, vida eterna –, é Ele quem se faz carente e *pede*. Assim, é da carência mútua que o encontro surge, em lugares profanos e situações cotidianas de necessidade. Os samaritanos, dois *excluídos* que se convertem em *exclusivos*<sup>8</sup> são precursores de um *novo dia*, que é o que a VC procura. Eles são protótipo de

nosso caminho: *a contemplação comprometida e a misericórdia contemplativa*.

– *A samaritana (Jo 4,1-42)*: a exegese mostra como este relato, destinado à catequese de catecúmenos, rompe, no entanto, com os formalismos daqueles que se aproximam até Jesus. A figura da mulher samaritana rompe barreiras religiosas e sociais, e é situada num contexto estranho ao do catecúmeno “esperado” (figura de Nicodemos). Na relação com Jesus, desaparecem nossas categorias, porque a verdadeira adoração é aquela que é fiel à fonte do amor. O ícone do encontro casual e fora do esperado, que conduz ao aprofundamento da própria situação de sede e carência e a uma entrega pessoal e radical à novidade de Jesus, exprime bem o caminho que desejamos, numa profunda experiência de encontro que seja fonte da evangelização. Porque os “maridos” da pós-modernidade formam parte de nossa vida e os carregamos nas nossas costas, é necessário o discernimento conjunto que nos ajude a identificá-los e nos estimule a abandoná-los em troca de uma outra experiência, e é necessária também a sede profunda que nos leve a descobrir nosso próprio poço, lugar do encontro. No apelo de Jesus, tão carente quanto nós, responde à nossa mediocridade. A VC pode e deve dar forma a esta esperança, de maneira diferente em cada povo, mas por todos eles desejado.

– *O samaritano (Lc 10,25-37)*: a parábola, perfeitamente verossímil, responde à pergunta do doutor da lei: *mas... quem é meu próximo?* Jesus, em lugar de entrar na controvérsia legal, ensina o modo prá-

<sup>8</sup> M. Menapace, comentário ao n. 59 do DT, in *Vida Religiosa*, cad. 3, vol. 96, maio-junho/2004, p. 41.

tico da questão, a perspectiva do *fazer*, que dá novo sentido ao tempo corriqueiro e ao lugar profano. As condições para o amor prático são abolidas, e ele passa a ser medido não pela lei, pela religião ou a História, mas pela *necessidade* do outro, reconhecendo nele a vontade de Deus. Na figura do samaritano, “versão pictórica das bem-aventuranças”, vemos qual é a fronteira de nossa missão: ser missão sem fronteiras; nele descobrimos também os verbos em *voz ativa* que devem guiar nosso agir: “*derramar* o óleo da contemplação”, como a super-abundância de Jesus é derramada sobre nós; *cuidar* na calma as feridas do outro; *olhar* vendo e agradecendo. A VC é o samaritano que mede sua ação segundo o parâmetro das necessidades, mas é também o semi-morto que, recuperado por Jesus, poderá amar fazendo nos pequenos projetos “de estrada”, aqueles grandes planos que mudam “alguma coisa”. A nossa deve ser a “*espiritualidade das intempéries*”, que retome a prática silenciosa do amor concreto.

*Contemplação e compaixão*, os dois pólos entre os que o congresso situa o sentido e testemunho da VC. No entanto, não podem ser esquecidas outras dimensões importantes de caráter teológico.

## 1.2. Dimensão profética

O profetismo é uma das funções do Povo de Deus, junto com o sacerdócio e a

realidade. No NT «Jesus tornou participantes da função profética a todos os fiéis, através do Batismo e a unção pentecostal»<sup>9</sup>. Portanto «a VC não tem o monopólio do profetismo, mas seu estilo de vida leva a sublinhá-lo»<sup>10</sup>. A Igreja também reconhece na VC esta específica dimensão profética, ao serem os votos «profecia em ato (...), proclamação dos altos valores do Reino (...). A vida comunitária é profecia de fraternidade»<sup>11</sup>.

Ora, para ser autêntica profecia é necessário viver as duas atitudes inspiradas pelos ícones: *sede de Deus* e *compaixão*. Na realização profética é unificado o processo de fé, mas não é suficiente sabermos proféticos, pede-se-nos uma série de qualidades que encarnem essa dimensão: o *desejo*, ocasionado pela eleição e transformado em busca, e uma *forte sensibilidade* que se deixe impactar pela realidade, sofra dor e denuncie. Todavia, isso não basta; o verdadeiro homem de Deus é capaz de transformar a dor em graça, a denúncia em anúncio de esperança. A VC deve expressar essas duas dimensões no contexto que vive; é profética se lê os sinais dos tempos, os acolhe e age com audácia porque sabe que no presente já há “*sementes de futuro*”<sup>12</sup>. O profeta – a VC – anuncia a esperança realizando em si os valores do Reino – e neste ponto enlaça com sua dimensão escatológica – como autêntica “*profecia corporal*”<sup>13</sup>: nela Deus se faz visível perto dos excluídos, no com-

<sup>9</sup> Mensagem da CIVCSVA in *Dimensão profética da VR na nova evangelização. Cadernos CRB*, São Paulo: Publicações CRB, (1990), no. 7, pp. 13-14.

<sup>10</sup> C. Maccise. Realidades y esperanzas en el congreso, in *Testimonio*, n. 208, marzo-abril/2005, p. 43.

<sup>11</sup> CIVCSVA, op. Cit, pp. 11s.

<sup>12</sup> B. Secondin; D. Papa, op. cit, p. 101.

<sup>13</sup> Id. p. 107.

promisso concreto, no cuidado pela vida e na liberdade autêntica.

«Os profetas não dizem o futuro, dizem a verdade»<sup>14</sup>, e a verdade que a VC diz é que ela padece, como o homem atual, uma profunda sede de Deus, sede que pretende saciar na superabundância do encontro. Busca através da vivência dos valores do Reino, e se expressa na misericórdia porque «a fidelidade ao espírito profético passa pelo serviço à vida ameaçada (...). Os profetas autênticos são (...) os que emprestam seu alento esperançado»<sup>15</sup>.

### 1.3. Dimensão escatológica

**Esperança:** é fundamental e sempre considerada como inerente à VC. Assim se expressa SS. João Paulo II na exortação *Vita Consecrata*: «Há pessoas que dedicaram sua vida a Cristo e não podem deixar de viver no desejo de O encontrar, para estarem finalmente e para sempre com Ele (...) A pessoa consagrada lembra que "não temos aqui cidade permanente" (Hb 13,14) porque "somos cidadãos do céu (Tg 3,20)"» (n.26). Ora, adverte-se que hoje as pessoas estão cada vez menos abertas ao escatológico, querem viver o melhor possível sem esperança profunda, através do materialismo. Assim, os religiosos, «que

fizeram da própria profissão de fé e da esperança escatológica o motor da própria existência»<sup>16</sup> precisam ser autêntico agulhão que anuncie o futuro, testemunhando sem medo a preeminência do Outro, que faz explodir nossos pequenos limites.

Os elementos que configuram a VC servem de meios para testemunhar esta esperança. Já o é o próprio estilo de vida, mas também os votos, pelos quais acolhemos uma maneira incerta de viver, aberta às surpresas de Deus, e estabelecemos um *mundo alternativo*<sup>17</sup>:

**Contemplação e  
compaixão, os dois pólos  
entre os que o congresso  
situa o sentido e  
testemunho da VC.  
No entanto, não podem  
ser esquecidas outras  
dimensões importantes  
de caráter teológico.**

---

- *Pela castidade* somos testemunhas sinal de como no coração humano sempre há um vazio só preenchível por Deus.
- *Pela pobreza* anunciamos que toda propriedade é provisória, e nosso ser é projetado aos céus "onde nem traça nem ferrugem destroem" (cf. Mt. 6,19-20).
- *Pela obediência* renunciamos ao próprio querer, abrindo caminhos para a realização.

Assim, também nossa vida comunitária anuncia que é possível a existência de uma comunidade não hierárquica, apoiada na comunhão por Cristo ressuscitado.

<sup>14</sup> J. M. Arnaiz. Hagan lo mismo y vivirán, in *Testimonio*, n. 208, marzo-abril/2005, p. 16.

<sup>15</sup> J. R. Flecha, op. cit, p. 13.

<sup>16</sup> Cf. F. Rode. A VC na escola da Eucaristia, in *Paixão por Cristo...* p. 304.

<sup>17</sup> Cf. S. Schneiders, op. cit, pp. 285s.

«Estando em casa na imensidão de Deus, então podemos sentir-nos em casa em qualquer um»<sup>18</sup>.

Pela sua forma de vida e buscando palavras “amplas” onde todos possam entrar, somos testemunhas de autêntica esperança, aquela que não acaba, porque «temos a firme confiança de que, no final, compreenderemos que toda nossa vida tem um significado»<sup>19</sup>.

## 2. Caminhos percorridos

Não é possível assinalar caminhos de futuro sem demarcar em que ponto nos encontramos, isto é, partindo do fundamento da VC, explicitar que passos já foram dados. Ora, os “passos dados” também não sempre são garantia de ter percorrido um caminho. Alguns deles podem ter sido dados em falso, influenciados pelo contexto; outros nos aproximam mais daquilo que já estávamos chamados a ser na nossa origem. A trajetória da VC não é diferente da humana.

### 2.1. Por onde nunca mais: a quebra da Aliança (Ex 32,1.6)

Como o povo no deserto, a VC pode estar cumprindo seus “objetivos” mas, no caminho, ficar parada diante dos ídolos. Assim diz J. M. Guerrero: «O perigo é que funcionamos bem, mas que o sentido profético, simbólico ou escatológico de nos-

sa VC seja irrelevante (...). Se consentimos que se domestique sua função profética, se diluimos seu caráter simbólico, se perdemos sua garra escatológica (...), seu futuro será não ter futuro»<sup>20</sup>. Com efeito, habitante da História, a VC sofre bloqueios externos, mas também internos. São estes os que têm mais “poder” pois, como os ídolos pagãos, entram no universo conceitual que é vivido (no caso, o universo do religioso do povo de Israel; o universo das formas congregacionais na VC) configurando-a por dentro. É necessário dizer *não* ao formalismo, às adaptações às novas modas religiosas, ao isolamento, às estruturas, normas e costumes que nos fecham em nós mesmos.

– *Missão*: em princípio estamos a seu serviço, mas parece constatar-se uma virada nos papéis, até o ponto de nossa maneira de ser não estar mais pautada por valores evangélicos. É a “versão consagrada” do ativismo e a eficiência pós-moderanos. Denuncia-se que a VC tenta conservar a imagem de “organização de prestígio”, movida inclusive por anti-valores próprios da lógica do mercado e não de Deus. Eficiência e eficácia marcam o rumo de uma dinâmica mais produtora que gratuita. Em muitas ocasiões as “grandes obras” que herdamos do passado são mais um empecilho que uma plataforma para missão e evangelização inculturadas; conduzem a uma excessiva preocupação com o que *se tem*, ao ver nas obras os sinais de nossa identidade e missão. Os consa-

<sup>18</sup> T. Radcliffe, op. cit. p. 231.

<sup>19</sup> Id. p. 247.

<sup>20</sup> J. M. Guerrero. ¿Qué vida religiosa está nasciendo?, in *Folletos con él*, n. 263, enero 2006, p. 4 (suplemento à revista *Vida Nueva*, n. 2511).

grados podem chegar a entrar tanto na dinâmica produtora que confundam o ministério que lhes é próprio com um emprego lucrativo. Corre-se este perigo também quando os contratos dos membros de uma instituição são assinados dentro da Igreja, mas não correspondem ao carisma fundacional, afastando-o dele e originando tensões internas.

Às vezes uma missão mal direcionada deixa-se descobrir no tipo de pastoral vocacional que se realiza, e que parece anunciar mais uma empresa para realização individual que um caminho de seguimento de Cristo. Fazer este tipo de "propaganda" é querer substituir a Deus.

– **Vida comunitária:** no congresso apareceu profunda insatisfação pela vida comunitária que temos na realidade, sobretudo entre os religiosos mais jovens<sup>21</sup>.

Com efeito, ela parece ser cada vez mais vítima de suas próprias limitações e mais desencantada por sua fragilidade e a falta de autênticas lideranças que conheçam o ponto certo entre a complacência ou indecisão e o autoritarismo. Denunciaram-se comunidades de membros individualistas, carentes de relações pessoais cálidas; comunidades convertidas em hotel, onde o mais que se faz é partilhar o mesmo teto, mesma mesa e regulamento, como simples voluntários de uma organização internacional; comunidades regidas por estruturas de outro momento em que era

grande o número de membros e outras as exigências.

– **Vida enraizada em Cristo:** aqui arriscamos tudo o que somos, porque é em Cristo que está não só a *convocação* quanto o que pode criar autêntica *comunhão*. Uma VC que confie demais nas suas próprias forças e o expresse com sinais de triunfalismo ou um protagonismo que não lhe correspondem ou, no outro extremo, uma VC medrosa e fechada nas suas paredes, é em qualquer caso uma VC com raiz falsa e incerta. O medo é contrário à fé, enquanto deveria ser esta a que sustentasse a nossa vida teologal. Esse medo que não crê traz uma preocupação com o futuro – há necessidade de prolongar-se – ou certo saudosismo, que pode até pôr em perigo o exercício da obediência. Denuncia um caráter teórico demais – ou espiritual de menos –, revelando religiosos mais "ideólogos do divino" do que autênticos crentes, «cegos (...) aos sinais do Espírito e que matam qualquer iniciativa e criatividade»<sup>22</sup>. A fé frágil, causa do medo, leva ao fechamento e à falta de diálogo social, eclesial, comunitário, e a que os religiosos vivam excessivamente preocupados em "agarrar" a própria língua, cultura ou inspiração carismática. Não é de estranhar que o culto, veículo de nossa relação com Cristo, se veja também prejudicado por esse desarraigamento, convertendo-se numa oração fria e desencarnada, que ajuda mais a marcar o horá-

<sup>21</sup> O planteamento chega a ser tão acentuado que um jovem participante se expressa assim: «O tema apareceu de maneira reiterada, até ser claramente identificado pela assembléia como uma insistência dos jovens religiosos (...). Numa espécie de auto-crítica, perguntava-me: é que às novas gerações só nos interessa fazer amigos? O que significa esta preocupação particular?» (L. F. Reyes. El Espíritu quiere una vida religiosa sencilla y fraterna, in *Vida Religiosa*, v. 96, nov-dez/2004, p. 70.

<sup>22</sup> Id., n. 52.

rio regularizador de nossas jornadas de trabalho do que a alimentar nossa vida de seguimento real. Como é possível que a VC dê autêntico testemunho, pronuncie palavras proféticas ou seja sinal escatológico se toma atitudes contrárias às pregadas no evangelho? Aburguesamento, abusos de poder e sobrecarga de trabalho e superficialidade são reflexos desta carência "radical".

## **2.2. Por onde já: está chegando o tempo. "O Espírito do Senhor está sobre mim" (cf. Lc 4,18-19.21)**

A VC está inserida no mundo. É do mundo e no mundo. Víamos como ele condiciona seu agir e ser, e nem sempre se tem a clareza de identidade suficiente como para não ficar "namorando ídolos". Ora, tudo o que está vivo está em processo, e a vida religiosa vive. Como para o povo de Israel, a conversão passa por tentativas e sofrimentos. Como o povo de Israel, conta com a misericórdia de Deus, sempre disposto ao perdão. Caminho para a plenitude de si, a VC vivencia seus momentos de realização, às apalpadelas do que será.

São numerosas as novidades que o Espírito "que está sobre nós" vem suscitando, com maior ou menor esforço e até consciência de nossa parte. Antes de en-

trar nos três elementos propostos - *missão, vida comunitária e raiz em Cristo* -, vamos nos deter no fenômeno das *novas formas de VC*, nas quais há, sem dúvida, manifestações pneumáticas. Novidades estruturais - comunidades mistas, abertas à castidade matrimonial e à consagração temporária -, de missão - abertamente voltadas ao ecumenismo e trabalhos apostólicos fora da comunidade -, espirituais - acentuação da pobreza, centralidade da *lectio divina* - e até litúrgicas, trazem mudanças que já tem acontecido na realidade social, mas a normatividade eclesial ainda não permite. Podemos considerar, portanto, que é uma "avançadinha" para

o futuro, que nem os espíritos de Josué abrindo o caminho para todo o povo (Js 2,1a.23-24), até mesmo quando os meios não parecem os mais ortodoxos! (episódio da prostituta Rajab, Js 2,2b-22). O caminho que essas novas formas seguem não sempre está claro: pode «dar a impressão de ter mudado muito para afinal

**«A humilde fragilidade que estamos padecendo em tantos setores podem ser as entranhas que acolham uma grande fecundidade»**

mudar quase nada»<sup>23</sup>, como se só dessem um pequeno acréscimo àquilo já existente. Porém, elas nos lançam um apelo: «A humilde fragilidade que estamos padecendo em tantos setores podem ser as entranhas que acolham uma grande fecundidade»<sup>24</sup>. Não há dúvida que na VC está em curso um novo modelo, modelo que estas *novas formas* contribuem a que

<sup>23</sup> Cf. id. p. 10.

<sup>24</sup> Cf. id. p. 16.

nasça. O que é muito enriquecedor delas é comprovar como muitas de suas novidades estão também presentes nas instituições tradicionais. São fatores de busca que podem ser "rastreados" nos três elementos estruturais.

- **Missão:** neste ponto talvez o mais determinante seja a progressiva "*não-proprietariedade*". As grandes obras cedem sua administração a mãos leigas, e a missão dos consagrados adquire sua nova forma determinada pelo serviço aos pobres e sofredores. Novas iniciativas respondem a novas perguntas: que valores apoiamos? Como avançar na solidariedade não paternalista? É evangélica nossa inversão? Sempre preocupada por salvaguardar o próprio carisma, a missão realizada parte para iniciativas de fronteira, entra em novos movimentos sociais e também religiosos, sempre em chave de encontro e diálogo cultural, ecumênico, inter-religioso, eclesial e com os leigos, que passam a tomar certo protagonismo. Fiel à confiança que a Igreja põe nela, a intercongregacionalidade *já* sé faz realidade na nossa evangelização.

- **Vida comunitária:** situa-se de cheio numa das características da pós-modernidade, o individualismo exacerbado que, no entanto, tem sede de relações profundas. Assim, a vida de nossas comunidades é renovada pela busca do "sabor de lar" e por uma nova compreensão do voto de obediência.

A chave do *encontro* estimula a relações inter-comunitárias mais profundas, que gerem uma vivência e sejam *per se*

testemunho dos valores que pregam através da abertura e acolhida. Ora, essas novidades só são possíveis graças a um novo movimento, que podemos considerar causa e consequência da necessidade de diálogo. Uma "nova obediência", baseada na consideração dos membros comunitários como adultos livres e iguais e que, pela fé, vê a graça operando nesses membros e dotando-os de capacidade para optar pelo bem comum, exige também novas formas comunitárias que respeitem a liberdade, consciência e responsabilidade pessoais, nas quais se refletem conjuntamente os trabalhos e se revisa os documentos congregacionais. O terreno das relações é movido como a natureza humana. Realmente existe uma comunidade assim? Talvez *ainda não*, mas *já* estamos a caminho. Há exemplos e iniciativas.

- **Vida enraizada em Cristo:** de novo, é o *encontro* - com Cristo - o que origina novidades na maneira de viver a pertença a Ele, o enraizamento n'Ele. A espiritualidade é marcada pela fascinação por Jesus e o evangelho, e realizada pela prática cada vez mais central da *leitura orante*, substituindo nalguns casos a velha piedade ou recitação, e ao mesmo tempo impossibilitando a subjetivação total do "diálogo interior". Através dessa prática se busca o caminho para uma espiritualidade integradora que nos conduza ao nosso "mais íntimo" ao tempo que nos tire de nós próprios em direção ao outro, que abrange «o espiritual e o corporal, o feminino e o masculino, o pessoal e o comunitário, o natural e o cultural, o temporal e o escatológico»<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Cf. Documento final, in *Paixão por Cristo...* pp. 317ss.

O encontro do Espírito nos religiosos, Espírito que busca ser fecundo nos leigos e ser expressão de graça na vulnerabilidade dos consagrados, parece suscitar novos carismas, e também gerar o desejo de nascer de novo, concretizado pelo esforço da refundação, voltando a formas menos institucionalizadas ou até tentando, no caso das congregações femininas, adquirir certa independência respeito ao poder clerical. Hoje continuam surgindo “mártires na VC”.

Esta nova espiritualidade “de pertença” está também originando mudanças na formação de seus membros, que começa por uma pastoral vocacional respeitosa e que sabe respeitar o maior ou menor sentimento de afinidade dos candidatos, sem desprezar nenhum dos níveis de participação, nem mesmo os mais superficiais. Não pode ser de outra maneira quando o leigo tem chegado a partilhar e enriquecer os carismas. As congregações multiculturais e internacionais vão conquistando a capacidade de se expressar como tais, longe do centralismo europeu, e suscitam a necessidade de a formação ser ministrada na cultura de origem dos membros. Só assim será possível formar e respeitar a subjetividade individual, cada vez maior. Esta subjetividade é – pelo menos em parte – responsável pelos “escândalos e abandonos”, e pela busca de meios de pertença provisória. Este sinal, que pode parecer negativo, obriga a buscar novas respostas, como as formas de vida *ad tempus*, já acontecendo nalgumas fundações recentes. É uma realidade que mui-

tos jovens aspiram a consagrar-se a Deus, porém sem necessidade de “institucionalizar-se”.

É lançada para nós uma mensagem de esperança: não é necessária *outra* VC, mas *esta*, sempre que apoiada na experiência de Cristo como origem, a paixão e convicção como caminhos.

### **3. O caminho à nossa frente: A plenitude. “Então virá o fim” (Mt 24,14)**

Além de observar a realidade, o congresso pretende marcar por onde passam os caminhos rumo ao futuro que queremos. Como fala Jesus aos seus discípulos, só depois do evangelho ser pregado a todas as gentes chegará o Reino; só depois de a VC ser totalmente evangélica chegará à sua plenitude, à sua perfeição. Antes de sintetizar o esforço argumentativo, teológico e de discernimento realizado, é interessante chamar a atenção para um fato que pode parecer paradoxal: poucas respostas são dadas senão em forma de pergunta. Assim se expressa uma das participantes:

«Apesar de ser tantos e com tantos dons e qualidade, não surgiu um plano concreto de ação (...). Como pretender fechar a paixão em idéias claras e concretas? (...) Chama a atenção que não fôssemos capazes de concretizar o que dizíamos, talvez porque não se pode amarrar a ação de Deus nos papéis. Talvez com isso se mate a novidade»<sup>26</sup>.

<sup>26</sup> Entrevista com Gema Meroño, PASIÓN por Cristo, pasión por la humanidad (IV): el Congreso Internacional, *Vida Religiosa*, cad. 6, vol. 96, noviembre-diciembre/2006, p. 52

No entanto, o acontecimento internacional tem motivado numerosos escritos, entrevistas, reflexões. Esperemos que motive também, nesse futuro anunciado, respostas concretas.

O método de trabalho dos grupos parece ter sido assim: apresentação do tema, convicções ao respeito, propostas. Ora, é de notar o que já se comentava anteriormente: aparecem mais interrogantes que afirmações, se bem não faltam valiosas contribuições. Estas do DT, junto com outras presentes, como dizíamos, em numerosos testemunhos, serão agrupados aqui no esquema tripartite que vimos aplicando: *missão, vida comunitária, raiz em Cristo*. Por onde caminhará a VC, nestes três campos vastíssimos, no futuro?

- **Missão:** das propostas dadas neste ponto, podem-se sintetizar três linhas de ação, que respondem não só aos sinais dos tempos e da própria VC, mas também a razões teológicas. Assim, se levanta a questão da *globalização da solidariedade*. A globalização é o caminho que mundo e cultura estão seguindo arrastando grande parte de população mundial. Temos o dever de aproveitar para nossa missão os meios que a tecnologia nos oferece, saindo de nosso pequeno e exclusivo mundo.

Sinal de globalização é também o insistente apelo ao *diálogo*. Além do alcançe missionário, o diálogo tem sentido te-

**A globalização é o caminho que mundo e cultura estão seguindo arrastando grande parte de população mundial. Temos o dever de aproveitar para nossa missão os meios que a tecnologia nos oferece, saindo de nosso pequeno e exclusivo mundo.**

---

ológico, e hoje se nos exige uma missão marcada pela inter-congregacionalidade, inter-religiosidade, inter-culturalidade, ecumenismo. Em acordo com este diálogo, devemos exercer uma pregação narrativa, não apoiada em avaliações universais que nos separam, mas em pequenas realidades que nos unem no cotidiano. Nesta mesma linha, nossa missão deve estar aberta à colaboração dos leigos e, é claro, a todo o Povo de Deus concretizado nas Igrejas locais, através de trabalhos e

projetos discernidos e realizados conjuntamente, a cujos pastores devemos aderir "*de mente e coração*". O apelo a esta missão "inter" não significa que a opção preferencial pelos pobres tenha passado a segundo plano. Não é isso o que nos dizem os ícones propostos e a própria vida de Jesus, mas não é mais possível aceder a esses pobres

senão entrando na rede de comunicações, influências e culturas. Neste sentido, é necessário promover nossa participação nos foros mundiais, organismos de decisão, e nossa presença em todos os lugares onde a vida é ameaçada.

É precisamente em função dos pobres, destinatários de nossa missão, que somos chamados à simplificação, flexibilidade e audácia de nossas estruturas pastorais, apostólicas, econômicas, só confiando, e com paciência, no tempo de Deus. Este processo passa por libertar-nos de velhas e grandes gestões e a decomposição de

obras. O protótipo deste novo tipo de missão será a *tenda de campanha*, substituta do grande convento, sempre ligeira e disponível para a itinerância.

A VC continua tendo muito campo de missão. É necessário trabalhar o melhor possível e tanto quanto possível, mas sem medir pelo critério da eficácia. Antes pelo contrário, não podemos ver nossos trabalhos como pesada carga, mas se a missão for realizada no que somos, será para nós força para superar as dificuldades. Nossa missão só será consagrada se virmos no seu destinatário o rosto de Cristo a estimular-nos.

– **Vida comunitária:** é sem dúvida neste ponto onde mais claramente se discerne a urgência de ser autenticamente trinitários, sinais de comunhão pelo Espírito. A inspiração teológica da vida comunitária não é, portanto, diferente da que leva ao diálogo em diferentes níveis e a abertura de nossas velhas estruturas missionárias. Para concretizar a realização desta comunhão foram dadas várias “sugestões”.

Existe a necessidade de converter nossas comunidades em *novos espaços* onde deixar lugar para a beleza que surja de seus próprios membros, incentivada pela instituição e posta ao serviço da missão e da comunidade. Neles surgirão, assim, a beleza que facilite a oração pelo uso de símbolos e elementos que conduzam à paz.

É necessária uma mudança nas estruturas, de maneira que estas se adaptem às novas relações comunitárias que se deseja construir, e não ao contrário. De-

vemos insistir menos na presença física que na compenetração do espírito: «Não é a quantidade de horas que passamos juntos o que faz a comunidade, mas a qualidade da presença»<sup>27</sup>. Assim, as virtudes pessoais se converterão em fonte de comunitariedade em lugar de motivo para invejas e ciúmes, e a vida fraterna será referência realista para situações de violência e injustiça antes que lugar de carga acrescentada a essa situação social dolorosa. A comunidade será lugar de esperança frente ao tédio e desânimo e de amor frente a relações coisificantes.

É urgente transformar nossas comunidades em espaço para o diálogo, cujo cultivo é uma arte e possibilita a reconciliação, o descobrimento do significado da Palavra. A comunidade não é formada pelo teto que a abriga, mas pela missão que se lhe encomenda e, em última instância, pela pessoa. O autor “lembra” também que os fundadores não tinham normas quando começaram seu sonho apostólico mediante a fundação do instituto. Acolher as pessoas e formar comunidade com elas, gerando autêntica fraternidade, implica permitir no seu interior o cultivo de diferentes espiritualidades, espiritualidades de novas culturas emergentes; exige uma autoridade mais animadora que administradora, que partilhe a informação originando assim a co-responsabilidade e o discernimento conjunto, a criatividade, a flexibilidade, a provisionalidade. Com essas relações igualitárias, respeitadas do diferente, os membros a caminharão mais facilmente para a maturidade através da integração afetiva e sexual. Nessas con-

<sup>27</sup> J. M. Guerrero, op. cit, p. 12.

dições poderemos fazer realidade o acompanhamento espiritual fraterno, terreno de busca e encontro com Deus na Palavra e no irmão.

Concluimos com a imagem utilizada por T. Radcliffe: a comunidade pode ser o sinal da grande *moradia de Deus*, onde os homens vejam o espaço para o cultivo da vida neste mundo marcado pela destruição do espaço e a orfandade, o exílio e a guerra<sup>28</sup>. Porque na comunidade *todos estamos em Deus, todos somos templo de Deus (1Cor 3,16)*, realizemos nela presença silenciosa d'Ele na nossa vida.

- **Vida enraizada em Cristo:** somos chamados a revelar o valor da vida em todos seus aspectos, a partir de nossa experiência trinitária. O congresso nos instata a fazer do mistério pascal a fonte de nossa espiritualidade. Deus nos salva *por Cristo, em Cristo, atualizado pelo Espírito*. Porém, é necessário "inventar" uma nova maneira de *falar* isto, porque até a palavra Deus foi tomando aspectos culturais e não mais faz referência necessariamente ao Absoluto. A VC deve ser testemunho do não-nome de Deus, da experiência inenarrável que nos sustenta num caminho de "ascensão perseverante". Dizer isto não só com palavras - dentre as quais as expressões simbólicas e os ícones parecem o modo mais adequado, mas sobretudo fazendo sair de nós próprios novos modelos de justiça e fraternidade, numa espécie de "arte maiêutica" dis-

cernida, reflexo da transcendência de Deus na nossa transcendentalidade<sup>29</sup>.

Mas a VC não precisa "inventar" uma espiritualidade para agora. Pelo contrário, são lançados apelos de *volta às fontes*. Somos herdeiros de uma raiz monástica que é importante recuperar, e de uma tradição sapiencial que é ponto de partida do discernimento, tradição não só bíblica mas fundacional. Se estruturalmente é necessário voltar à simplicidade inicial, espiritualmente precisamos voltar não só ao carisma do fundador, mas também à centralidade de Jesus que inspirou o seguimento evangélico fazendo do evangelho nossa primeira norma, e ainda ao amor esponsal de Cristo, presente não só na nossa inspiração profética quanto na própria experiência pessoal fundante e vocacional.

Mas também não podemos só olhar para as origens. Anteriormente falamos de nossa dimensão escatológica, da qual nossa sede de Deus, partilhada por toda a humanidade, é uma das mais claras expressões. É necessário saber expressar esta sede, talvez com palavras novas, apropriando-nos dela e trabalhando-a pelo acompanhamento constante. Há quem sugere a necessidade de revisar nossas fórmulas oracionais, que respondem a devoções antigas e populares, e que talvez hoje, fora de contexto, estejam abafando a possibilidade de um diálogo profundo. A sede não poderá acabar, pois é o motor de nossa espiritualidade, mas também não pode ser

<sup>28</sup> T. Radcliffe, op. cit., p. 231.

<sup>29</sup> Id., p. 203. Vemos neste ponto profunda carga teológica que merece a pena destacar, mesmo sem possibilidade de entrar nela. Esta expressão de *Deus por nós* é um dos motivos teológicos que, sob nosso ponto de vista, mais profundamente justificam o esforço do discernimento.

esquecida ou abandonada, antes pelo contrário, afrontada pela oração, que tende a esse fim escatológico, e sem a qual a vida espiritual se seca. O congresso apela à *primazia da Palavra*, necessária para criar um novo modelo de oração que dê espaço para expressar uma espiritualidade forte, personalizada, compreensível, relacional. Fazendo da Bíblia companheira de caminho e da *lectio divina* fonte de nossa ação, não justificação para nossos projetos já descontextualizados, recuperaremos a centralidade do Reino em nossa missão e nosso convívio, a prioridade absoluta da caridade por cima dos votos e das normas, e um estilo de vida coerente capaz de conjugar contemplação e ação.

O congresso chama também instantemente para a importância de recuperar o *valor do cotidiano*, como maneira segura de estar sempre aprendendo conforme pede a formação permanente, e com o objetivo de fazer do consagrado e a consagrada uma *seqüela Christi*, expressa numa vida nova, transfigurada, cristiforme. Atuante na obediência atenta à vontade de Deus, amor e criatividade caminham juntos.

## **CONCLUSÃO: unidade na diversidade. Pentecostes e Eucaristia.**

Uma das mais evidentes e unânimes constatações do congresso foi a unidade na diversidade; unidade na paixão e os objetivos, diversidade na riqueza do con-

gresso. Diversidade na pluralidade de línguas, unidade na caridade e compromisso.

Fiel ao apelo pelo uso de uma linguagem icônica e simbólica, duas figuras usadas implícita e explicitamente marcam os dois pólos desta única experiência. São as figuras de *Pentecostes e da Eucaristia*, as duas dom de Deus e de inspiração bíblica. Daremos uma palavras sobre cada uma delas.

– **Pentecostes:** J. B. Libânio nos introduz nesta metáfora e ainda a compara com outra: enquanto em *Babel* Deus confunde as línguas perante a institucionalização, em Pentecostes o entendimento é unificado. A diversidade continua existindo, mas ela já não é mais obstáculo para a compreensão mútua. O Espírito suscita novas formas para a unidade.

A VC nasceu como dom do Espírito, e deve continuar sendo-o, suscitando a renovação. Ele nos marca os caminhos para a missão, junto a toda a Igreja, nos sinais dos tempos. É necessário que estejamos abertos à sua vitalidade que se faz mais vida em nós: «aconchegar-se resguardado do sopro do Espírito é sinal de decadência e não de vitalidade»<sup>30</sup>, vitalidade que deve ser não só presente, mas futura. A dimensão escatológica da VC está também no seu caráter pentecostal. Assim nos fala João Paulo II: «Todas nossas diversidades que manifestam a riqueza dos dons de Deus, subsistirão na única casa do Pai, que contém tantas moradas»<sup>31</sup>.

<sup>30</sup> J. M. Guerrero, op. cit, p. 9.

<sup>31</sup> Exortação Pós-sinodal *Vita Consecrata*, n. 52.

- **Eucaristia:** o saudoso João Paulo II, e antes dele já o Concílio Vaticano II, têm insistido no caráter da Igreja como “*casa e escola de comunhão*”. A *eclesiologia de comunhão* inspirou a imagem da Eucaristia como símbolo também da VC. Bento XVI tem escrito recentemente sobre a dimensão agápica da Igreja, e isto é também aplicável à VC, onde o amor é seu maior sinal de credibilidade.

Como sacramento deste amor *ágape*, F. Rodé, representante da CIVCSVA no congresso, pronunciou uma palestra: *A VC na escola da Eucaristia*. Nela expõe como é na Eucaristia que o consagrado encontra sua identidade, ao fazer das atitudes de Jesus o centro de sua vida, pelo caráter memorial do gesto eucarístico, do qual surgiu cada congregação, como força ativa da Igreja. Com efeito, a Eucaristia nos conduz à consagração ao compartilhar a Paixão de Cristo, nos faz contemplativos na ação e consagrados na missão. Une nosso corpo ao de Cristo e nosso plano à Criação do Pai, que encontra na Eucaristia sua plenitude. Este sacramento é energia para o consagrado, estímulo, vigor, vitalidade e fonte de discernimento através do exercício da memória. É lugar de unidade na diversidade de carismas; é momento presente de nosso passado – dom do Espírito

**«A paixão dos consagrados não é senão réplica, dentro de moldes frágeis, da mesma oferenda de Cristo ao Pai, que se verifica quando eles se inclinam ante tantos marginados, esquecidos (...) para anunciar-lhes o nome de Deus, que é Amor»**

- e de nosso futuro – realização da unidade na plenitude de Deus. Assim se expressou Dom Luis Gutiérrez, presidente da Comissão Episcopal para a VC da CEE, na jornada mundial da VC na Espanha: «A paixão dos consagrados não é senão réplica, dentro de moldes frágeis, da mesma oferenda de Cristo ao Pai, que se verifica quando eles se inclinam ante tantos marginados, esquecidos (...) para anunciar-lhes o nome de Deus, que é Amor»<sup>32</sup>.

Como palavra final, citar um dos objetivos do congresso que não acabou em novembro de 2004 nem se situa em Roma. No dia-a-dia é necessário que as intuições pneumáticas para o futuro sejam animadas e vivificadas pelas conferências nacionais, congregações, províncias e todos e cada um dos consagrados e consagradas. Na nossa missão, na nossa vida comunitária, na nossa espiritualidade crística

«a diversidade na unidade é uma força incalculável para a VR se formos capazes de vivê-lo e expressá-lo tanto dentro dos limites de cada uma de nossas comunidades, como quando nos compreendemos como VC, além de nossos institutos, de nossa confissão católica, de nossa fé cristã»<sup>33</sup>.

A Autora é estudante de teologia na FAJE.

<sup>32</sup> Citado por L. Grosso, op. cit. P. 56.

<sup>33</sup> E. Losada, op. cit. pp. 65s.

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 - As comunidades Religiosas estão interessadas em analisar o que se passa no contexto atual, em nível sóciopolítico, econômico e cultural? Com quais instrumentos? Indiquem dois ou três fatores que facilitam tal análise, e dois ou três fatores que mais a dificultam.
- 2 - Como, na nova situação de incerteza e perplexidade, a Vida Religiosa dá continuidade, revisa, renova e aprofunda seu itinerário de seguimento de Jesus e o compromisso solidário com as vítimas do sistema? Enumerem dois ou três exemplos concretos destes propósitos.
- 3 - Que sinais de abertura aos grandes desafios do presente e do futuro vocês detectam na Vida Religiosa hoje?